



Diálogos

ISSN 2177-2940



A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

<https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i2.66256>

Fernanda Aide Seganfredo do Canto

<https://orcid.org/0000-0002-5456-3664>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-SC, BR

E-mail: nandadocanto@gmail.com

Rafael Schoenherr

<https://orcid.org/0000-0001-7716-1003>

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa-PR, BR

E-mail: rschoenherr@uepg.br

Roseli Terezinha Boschilia

<https://orcid.org/0000-0003-1743-9338>

Universidade Federal do Paraná: Curitiba-PR, BR

E-mail: roseli.boschilia@gmail.com

Tiago João José Alves

<https://orcid.org/0000-0002-2640-1174>

Universidade Federal do Paraná: Curitiba-PR, BR

E-mail: tiagojalves@gmail.com

The Lira language: journalism and avant-garde an interview with Fernando Alexandre

Abstract: In this dialogue, the journalist, poet, blogger, cultural agitator and actor Fernando Alexandre speaks about culture, music, poetry, art, theatre. He worked in the main press agencies from Brazil and created the journal Lira Paulistana. This is a contribution to interested in know a history of press, of art, of culture and of music from Brazil. It is an opportunity for the general public and for researchers to learn more about an important moment in Brazilian history.

Key words: Lira Paulistana; journalism; Fernando Alexandre; culture; art.

La lengua de la Lira: periodismo y vanguardia en entrevista con Fernando Alexandre

Resumen: Este diálogo aborda un esbozo biográfico del periodista, poeta, bloguero, agitador cultural y actor Fernando Alexandre. Fernandão, como era llamado, trabajó en la prensa de Paraná, São Paulo, Santa Catarina y Río de Janeiro, fue uno de los fundadores de la Lira Paulistana y del periódico que lleva el mismo nombre. En el texto, el diálogo rodeó temas como el periodismo, la música, la poesía, el teatro, la cultura y el arte. Es un documento que puede ser de utilidad para el público en general y para las más diversas ramas de la investigación en Brasil, ya que aborda momentos de la historia del arte y la cultura brasileña.

Palabras clave: Lira Paulistana; periodismo; Fernando Alexandre; cultura; arte.

A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

Resumo: Este diálogo aborda um traçado biográfico do jornalista, poeta, blogueiro, agitador cultural e ator Fernando Alexandre. Fernandão, como era chamado, trabalhou na imprensa paranaense, paulista, catarinense e carioca, foi um dos fundadores do Lira Paulistana e do jornal que leva o mesmo nome. No texto, o diálogo circundou temas como jornalismo, música, poesia, teatro, cultura e arte. É um documento que pode ser útil para o grande público e para os mais diversos ramos da pesquisa no Brasil por abordar momentos da história da arte e da cultura brasileira.

Palavras-chave: Lira Paulistana; jornalismo; Fernando Alexandre; cultura; arte.

Recebido em: 11/12/2022

Aprovado em: 06/04/2023

Disso tudo
uma certeza
dessa brincadeira
apesar da firmeza
não sairemos vivos

Fernando Alexandre Guimarães Silva (Maceió - 10/3/1950; Florianópolis - 7/4/2021)

Entre papos e reflexões, a entrevista foi acompanhada de peixe assado, pizza, vinho, cerveja e canções do músico Helinho Calandrini que acompanhou nosso trabalho. Durante uma pausa, Fernando se indagou se faltava algo na casa, ditando oralmente uma lista: “tem um pouco de queijo, manteiga, salame, café, acho que dá pra encarar”. Ele estava no seu reduto, próximo de seu computador e de seu aparelho de som. No primeiro, Fernando seguia escrevendo, publicando, compartilhando opiniões e notícias. Em tom de alegria, comentou que adorava o som do teclado do computador e que sua sonoridade lembrava a máquina de escrever. No segundo, colocou música nacional, estrangeira, da vanguarda paulista também. Ao lado de sua companheira Olívia, sua gata de estimação, pássaros cantavam, o vento, a chuva e o sol predominavam num território de natureza vibrante. Do lado de sua morada, um pé de Garapuvu (árvore símbolo de Florianópolis) e muitas outras árvores e plantas.

A entrevista foi feita em duas etapas - antes da disseminação do vírus da COVID-19 e durante a Pandemia, em 2020 e 2021¹, na casa do próprio Fernando Alexandre Guimarães Silva, localizada na Servidão Caminho do Morro Alto, Costa de Dentro (Florianópolis). Durante os encontros, Fernando tomou sua primeira dose da vacina. Como ele mesmo dizia: “Enquanto há vento, molha-se a vela!”, por isso, seguimos entrevistando-o, tomando todos os cuidados indispensáveis.

Fernando Alexandre foi um homem de 4 cidades (Maceió, Florianópolis, Curitiba e São Paulo) com várias vidas e diversas criações. Formado em jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), também foi escritor, poeta, editor e produtor cultural. Como jornalista, trabalhou em diversos grupos de três estados: São Paulo (O Estado de São Paulo, Revista Veja, Shopping News, Gazeta de Pinheiros, Jornal Lira Paulistana), Santa Catarina (O Estado, A Notícia) e Paraná (O Estado do Paraná, Diário do Paraná, Gazeta do Povo, Tv Iguaçu, Indústria & Comércio, etc). Em

1 Poderíamos ter organizado uma ordem temática com as perguntas e respostas, porém, decidimos manter a ordem cronológica das questões feitas durante a entrevista.

Curitiba, foi Assessor Especial da Presidência da Fundação Cultural e do Secretário Municipal de Turismo. Como escritor publicou: “Dicionário da Ilha – Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina” e o “Dicionário do Surf – A Língua das Ondas”, lançados pela editora Cobra Coralina. Criou o blog Tainha na Rede, um portal sobre o universo do mar, da pesca, da cultura. No Lira Paulistana (usina criativa de shows, espetáculos, discos, livros, murais, encontros, gravações) fundou o jornal Lira Paulistana, lançado em outubro de 1981. No teatro, inventou o personagem Professor Delyra, “um astrólogo anarquista que previa o passado e sentia saudades do futuro”, como ele mesmo definia, ao fazer previsões irônicas e sarcásticas presenciais para o Jornal e para a TV.

Quanto à entrevista, Fernando não fez objeção alguma, não quis cortar nada, reforçando um de seus aforismos: “meu passado me condena, mas o futuro me absorverá”. Em tom irônico disse que ia contestar tudo o que ele próprio tinha dito, garantindo que era mentira. Mesmo com a saúde física se agravando, Fernando Alexandre resistia sem perder o brilho dos olhos. Seguindo a filosofia “Luz acesa, porta aberta e cozinha 24 horas!”, sua casa estava sempre disponível para amigos e amigas. Como ele disse nas conversas: “Sou dependente químico de pessoas”. E ciente de seu compromisso com o mundo, preferiu não revelar seus incômodos físicos, mas sua opinião sobre a realidade. No dia 15 de outubro de 2020, escreveu na rede social que usava: “Atestado de óbito: Falência múltipla de sonhos. O poeta morre na praia”. Um trocadilho? Uma metáfora? Um presságio? Uma crítica? Um atestado?

Depois de dias internado, Fernando Alexandre faleceu no dia 7 de abril de 2021. Seu corpo foi cremado e uma celebração foi realizada no bairro Pântano do Sul (Florianópolis) com música, poema, cachaça, cerveja e afetos do coração. Carregadas por pescadores numa canoa, suas cinzas foram lançadas ao mar (a celebração foi registrada e está disponível no link: <https://youtu.be/WsOYlSPcClo>)

A seguir, o leitor tem acesso a uma entrevista² com um incansável agitador cultural, apreciador de boa conversa, amante do mar, da cultura, da música, da vida, da informação e da amizade... Fernandão (como era chamado pelos amigos íntimos) também foi poeta e amava haicais. Um livro póstumo com seus poemas, organizado pelo escritor Rodrigo Garcia Lopes, foi lançado em 2021 pela Galileu Edições, com o título “Na dobra azul de um golfo pensativo.”

O Museu Campos Gerais digitalizou todo acervo do jornal Lira Paulistana:

<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/collections/show/60>

Há também um filme e um livro sobre o Lira Paulistana, produzidos por Riba de Castro:

<http://www.vanguardapaulista.com.br/>

2 A entrevista contou com o suporte técnico da Tombô Produções Museológicas.



Foto: Tiago J. J. Alves

Fernando: Então eu começo a falar o que eu quiser? Falar o que? O que vocês querem que eu fale?

Consegue se lembrar do período que esteve na barriga da sua mãe?

Fernando: Não, aí não dá, não lembro não. Só sei que nasci no dia 10 de março de 1950, pisciano, que não é um signo, é um carma (risos).

Tudo começou em Maceió?

Fernando: Como diria o pessoal: “uma cidade pequena, porém, decente”. Grande merda, né? Ah, Maceió é uma cidade bacana, tive uma infância legal em Maceió. Eu morava onde hoje é a principal avenida da cidade, onde tem um shopping, faz anos que não vou lá. O quintal da minha casa dava na principal praia da cidade, o porto ficava atrás. Tive uma infância tranquila. Minha família era de classe média, meu pai era dentista, a coisa era mais ou menos por aí. E todo dia antes de ir para o colégio, tinha aula às 7h30 (tive uma formação religiosa, estudei no Colégio Marista), tomava banho de mar, entende? Eu ia com meu pai, atravessava pelo quintal de casa e chegava à praia. Tomava um banho de mar, voltava para casa, tomava um banho de água doce, tomava café e ia para

o colégio. Eu tive uma vida totalmente ligada ao mar. Voltava do colégio 11h30, primeira coisa que fazia era tirar a roupa e correr para a praia, dar um mergulho e voltar. Ou seja, sempre tive essa ligação muito forte com o mar. Talvez a minha maior tortura na vida foi morar em Curitiba, porque estava numa cidade que não tinha mar. Eu não entendia uma cidade que não tinha mar, eu tinha 17 anos... Como é que é uma cidade que não tem mar? Porque o mar era o quintal da minha casa. Eu achava estranho pegar um ônibus, viajar até Matinhos, Caiobá, ficar uma hora e meia viajando pra chegar ao mar. O mar era o quintal de casa, a coisa era bem por aí...

E por que sair de Maceió?

Fernando: Ah, você quer sair do lugar que *cê* nasceu, né, bicho? A barra de família, pressão disso, daquilo outro, toda a história, aí você ficava cabeludo, chegava meu pai em casa (que não era um cara repressor, tentava ser), deixava uma grana em cima da mesa e dizia: “não apareça em casa se não cortar o cabelo”. Eu pegava a grana, ia beber e não aparecia em casa (gargalhadas), ia pra uns botecos com os amigos, gastava a grana, dormia fora, na casa de algum amigo, não sei o que... Toda uma barra de uma família de classe média, tinha só uma irmã mais velha, dois anos a mais que eu, família extremamente repressora, bem convencional, bem caretona, minha mãe, principalmente, de uma família tradicionalíssima, de usineiros de açúcar, coisa desse tipo, entende? Meu pai já era mais proletário, proletário não, veio do interior, da roça mesmo, sertãozinho de Pernambuco e tal. Foi um cara que saiu de casa cedo, morou em “república” [típica residência estudantil] lá em Recife pra poder estudar; fez odontologia, outra viagem daí, era amigo de pessoas bem legais, Noel Nutels [médico e indigenista] era um de seus amigos. Meu pai não era músico, mas era boêmio, gostava da noite. Minha mãe, não! Era bem rígida, caretona, era de Maceió e meu pai era de uma cidadezinha chamada Calçado. Esses dias eu entrei no site dessa cidade, achei muito engraçado, porque eu passava férias lá, entrei no site e me apresentei: “olha só, eu passava férias aí, sou neto do seu fulano, meu avô foi prefeito da cidade, foi um dos fundadores da cidade”. Era uma cidadezinha desse tamanho [gesticula com as mãos]. Só que os caras não tiveram nenhum interesse, eu tinha algumas histórias pra contar sobre a cidade. Eu ia pra Calçado passar férias quando garoto, tinha uns 14 anos, como eu estudava, sabe aquela coisa, cidade pequena, tinha só grupo escolar. E lá tinha um serviço de alto-falante na cidade, acho que foi aí que eu comecei a minha vida de jornalista. O serviço de alto-falante ficava do lado da casa do meu avô, era um serviço pra orientar as pessoas, entrava no ar só nos finais de semana, tipo: sábado e domingo, tinha a feira no domingo, que era a coisa mais importante da região, e quando eu estava lá, cuidava do serviço de alto-falante. Entrava no ar às 7h30 da manhã, lembro bem, era uma porra de um microfone que dava choque pra caralho, a gente punha um banco em cima da mesa e amarrava o microfone pra ficar na altura da boca,

entende? Pra não ter que segurar e não tomar choque. Tinha um amplificador e um toca-discos, colocava o 78 [rotação do vinil] ali, o prefixo musical era Abismo de Rosas [Dilermando Reis] que é ótima, inclusive, esses dias eu estava escutando... E dizia: “com esse prefixo se inicia o serviço de alto-falante de Calçado”. Talvez tenha sido por aí minha história com o jornalismo.

Você foi para Curitiba com a intenção de estudar Jornalismo?

Fernando: Depois dessa primeira experiência no serviço de alto-falante, eu trabalhei numa rádio cristã em Maceió, fiz um programinha, algo assim, nem lembro direito. Devia ter uns 16 anos. Mas o jornalismo me fascinava, principalmente pelas coisas que meu pai assinava: as revistas Cruzeiro e Manchete, aí você via aquele safári na África, aquelas reportagens e grandes coberturas, o jornalismo era uma coisa maravilhosa, que não é porra nenhuma disso. Jornalismo é outro no dia a dia, outra barra. E eu imaginava isso daí. Fui pra Curitiba, e confesso, sendo bem sincero, eu fiz jornalismo porque era o curso mais fácil que tinha pra passar. E eu precisava passar naquele vestibular, entende? Gostava também, o jornalismo já estava na minha história. Tinha não sei quantas vagas pra cada candidato, era fácilimo. Aí eu fiz - naquele tempo, vestibular tinha segunda época quando não se preenchiam todas as vagas. Eu fiquei em segunda época, fiz, passei e cursei.

Foi na Universidade Federal do Paraná? O que te levou a escolher Curitiba?

Fernando: Isso, em 1968, época braba da ditadura, e eu me formei em 1972. Depois disso, me mudei pra *Floripa* após terminar o curso, mas eu já trabalhava com jornal lá, desde o começo da graduação. E Curitiba foi pelo seguinte, eu *tava* louco pra sair de Maceió, fiquei uns dois anos sem fazer porra nenhuma na cidade, brigando com a família o dia inteiro, essas barras todas. Na época, eu mexia com aeromodelo, aviãozinho, tinha uma turma que ficava lá voando e fumando maconha. E queria sair de casa, ficar independente de pai, mãe, família. Saí de casa aos 17 anos.

E surfava?

Fernando: Não. Aí que tá, não existia surf naquela época no Brasil. Existia uma coisa que eu falo até no Dicionário do Surf, que era “pegar expresso”, como eles chamavam. A gente pegava um pedaço de madeira, uma tábua de 30 cm a 40 cm, fazia um biquinho redondo, botava uma trava pra segurar, e você pegava o surf deitado. Não existia surf no Brasil, que eu lembre, não! Lá pelo menos não tinha. A gente chegava e ficava pegando onda, ficava no mar o dia inteiro, ali dentro, pegava onda com aquilo. E tinha uma coisa muito engraçada, quando não tinha onda, tinha uma frase que sempre fazia a onda aparecer: “macaco, a sua mãe morreu”. Não me pergunte até hoje o porquê disso. E sempre aparecia onda, a gente começava a gritar, a molecada toda: “macaco, a sua mãe

morreu” e aparecia onda e a gente pegava onda. Só que eu vim pra Curitiba porque eu *tava* de saco cheio de Maceió. Tinha um amigo de infância que morava em Curitiba, o Jarbas, que fazia Engenharia Florestal lá, ele pintou em Maceió pelo Projeto Rondon, aí eu disse *vamo* nessa. Ele conseguiu uma passagem aérea pra voltar com ele, saí de Maceió e fui com ele pra Curitiba.

Foi um gatilho?

Fernando: Foi. O que eu sabia do Paraná é que fazia frio e plantava café.

Não havia informação nas revistas, jornais?

Fernando: Não tinha, você não sabia de muita coisa. Mas foi meio por aí, fui pra Curitiba, fiz o vestibular, passei, fiquei e estudei, só tinha o curso de Jornalismo, não tinha Comunicação. Era uma coisa enjambrada pra dar emprego pelo reitor para os donos dos jornais, como sempre: os esquemas...

O que tinha de peculiar no curso? Você se recorda dos professores?

Fernando: Tinham caras legais e outras coisas horríveis, uma coisa de acomodação. Tive professores legais, bem interessantes. Tinha o Bacila Neto (advogado, jurista e jornalista), ele falava exatamente isso: “a palavra é o sepulcro da ideia”, achava ótima essa frase dele. Tinha uma professora que era muito interessante, a Adalice Araújo, uma crítica de arte [faleceu em 2012]. Só que ela era gaga, depois ela melhorou bastante, não sei, mas era uma tortura assistir as aulas dela, aquele esforço dela de transmitir, mas gaguejando [risos]. Tínhamos ótimos professores, mas muitos “picaretas” também.

Pensando no contexto político, havia alguma liberdade no curso de Jornalismo?

Fernando: Não, não tinha. O que é liberdade? Fica difícil definir, né? Uma boa parte das pessoas que estava no curso já trabalhava nos jornais, você conhecia a barra de fora já, entende? O dia a dia do jornal.

Quais jornais?

Fernando: O Diário do Paraná, que era do Assis Chateaubriand, O Estado do Paraná, em que eu trabalhei várias vezes, do Paulo Pimentel, que era governador, e os outros jornais de lá. Depois eu trabalhei na sucursal da Veja uma época, quando a Editora Abril abriu para o resto do Brasil. Estava sempre no mercado, tinha trabalho aqui, ali, às vezes chegava a ter três, quatro empregos por dia porque os caras pagavam uma merda.

Como *freelancer*?

Fernando: Não, era contratado. Era aquela coisa, duas ou três horas por dia, fechava as matérias e deu. Por exemplo, no O Estado do Paraná, que era o maior jornal do Paraná, eu era editor da seção Internacional, eu fazia uma página por dia. Ou seja, a gente dizia “eu penteava telegrama”. Tinha cinco agências de telex que vomitavam aquele monte de papel na sua frente, não havia tempo nem de reescrever, era feita uma colagem, corrigia os erros do telex, que vinham com erros de pontuação, e fechava a página. Eram as notícias internacionais, fui editor da seção Internacional, fazia uma página por dia para esse assunto. O jornalismo paranaense era feito muito toscamente, muito atrelado ao Governo Estadual, como é até hoje.

Havia uma diferença entre o curso e o ofício?

Fernando: Total. O curso era uma coisa, o ofício era completamente diferente quando você caía na real. O curso tinha aquela utopia. A minha turma tinha 72 pessoas, talvez a maior turma de Jornalismo que já existiu por lá. 70% eram mulheres, muitas delas nem queriam fazer Jornalismo, era isso. Era bonito ser jornalista, era chique.

Tinha prestígio?

Fernando: Sim, claro. Começou a virar moda. Jornalista naquele período tinha prestígio, pagava 50% da passagem de avião, não pagava cinema, um monte de regalias. Era uma outra maneira de comprar do mesmo jeito, entende?

Ainda sobre Curitiba...

Fernando: Morei em Curitiba muito tempo, depois, eu estava terminando a faculdade, em 1972, tinha quatro empregos. Inclusive, eu ainda editava um jornal diário de economia, o Indústria e Comércio. Eu era o editor-chefe, eu não entendo nada de economia, não sei como fazia aquilo [gargalhadas].

Quando você foi pra Florianópolis?

Fernando: Tinha um amigo de faculdade morando em Florianópolis que estava trabalhando no Jornal de Santa Catarina, foi quando os “galegos” chegaram, montaram um jornal em *off set*, trouxeram um monte de gente do Rio Grande do Sul, tudo pra fazer frente contra O Estado. Vieram com tudo! Esse amigo estava trabalhando na sucursal do Jornal de Santa Catarina e ele falou, “olha só, o pessoal do jornal O Estado tá precisando de gente, tais afim?” e eu disse “tô muito a fim de

sair de Curitiba.” Eu fui passar um fim de semana em *Floripa*, cheguei naquela velha rodoviária, 21h30 da noite, numa sexta-feira, esse amigo estava me esperando, saímos perneando por ali e fomos pra *night*. Amanhecemos o dia no Mercado Público, 7h30 da manhã, tomando uma cerveja, aí quando vi aquelas canoas encostando, o mar batia ali, o pessoal descarregando peixes, mantimentos, eu não conhecia Florianópolis. Eu surtei e disse: “é aqui que quero morar”, bem assim mesmo. Pela tarde fui à sede do O Estado³ com esse meu amigo, ele trabalhava no concorrente, mas tinha um canal com esse pessoal, ele me apresentou para o Marcílio [Medeiros Filho], que era o editor do jornal. Fui contratado pra assumir na terça, voltei pra Curitiba no domingo, me liberei de quase tudo e vim morar no hotel Cruzeiro, na Rua Conselheiro Mafra, era um puteiro [gargalhada]. Essa foi a primeira vez que eu morei aqui. Foi de 1972 a 1974.

Sobre sua permanência em Curitiba, qual foi a sua maior influência: o movimento estudantil ou a boemia?

Fernando: A boemia, seguramente! O movimento estudantil não era uma coisa muito forte ou eu não participava tanto. Via movimentação, só que eu era um cara um pouco alienado nesse período, não tinha uma participação nisso. Sabia o que estava acontecendo, tinha amigos presos, mas não era engajado. Tinha uma posição de esquerda, mas sem engajamento. Por exemplo, a minha primeira namorada, minha primeira companheira, a “Berna”, a Bernadete, o irmão dela era casado com a Judite Barbosa, que era presa política na época. A gente convivia com esse pessoal, íamos visitá-la na penitenciária, ela tinha participado do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna. Tive amigos ligados ao movimento estudantil, só que eu não fui um cara militante, apesar disso, isso acabou influenciando a minha visão de esquerda.

A boemia...

Fernando: Você começa chegando nos botecos, aquela coisa de universidade. Eu comecei a conviver com pessoal de escola de samba, até desfilei uns quatro anos na escola do Curitiba Football Club, chamava “Não Agite”. Era um carnaval contido [risos]. O lance da escola de samba pra mim não era pelo desfilar, era pela festa. A gente ensaiava toda quarta-feira à noite no estádio Couto Pereira, tinha um lugar pra isso, era uma farra. Um encontro pra beber, fazer samba, dali íamos para os botecos da cidade, atravessando a “madruga” inteira. E eu desfilei, tocava agogô.

Sendo nordestino, como foi sua chegada ao Sul do Brasil?

Fernando: Tinha um “puta” preconceito. Curitibano é foda [risos]. Imagina você não ser de

³ Para saber mais, ver: <https://cesarvalente.com/2021/05/a-imprensa-na-grande-florianopolis/>

nenhuma família tradicional, vindo de Maceió? Também tinha preconceito dentro da faculdade. E eu morria de frio. Como a turma era muito grande, tínhamos aulas naqueles anfiteatros, e eu passava muito frio, não tinha agasalho. Lembro que quando passei por São Paulo, um amigo me deu uma japona, não tinha esse hábito de viver no frio. Eu ia pra faculdade, levava uma garrafa de conhaque pra esquentar [risadas]. De manhã, bebendo conhaque e assistindo aula. Claro, o preconceito só aumenta com isso... Imagina as menininhas curitibanas: “quem é esse cara que ninguém sabe quem ele é, tomando conhaque e assistindo aula às 9h30 da manhã?”.

Você gostava de viver em Curitiba?

Fernando: Pra mim foi uma saída, não sei se gostava ou não. Curitiba foi uma barra difícil, inclusive como sobrevivência, eu não tinha grana de família, precisava sobreviver. Eu não gosto de pizza até hoje! Como, mas não gosto, por causa da fase em Curitiba. Eu estava na faculdade, trabalhava numa gráfica que fazia apostila pra cursinho, que era num bairro bem longe. Na gráfica, você batia o estêncil (que era uma folha como se fosse de borracha), você datilografava sem fita na máquina e ela perfurava, era uma matriz para imprimir as apostilas. Eu ganhava por estêncil datilografado. Pegava uma apostila de português, ia bem, agora e quando pegava uma de química? Puta que pariu. Dois espaços pra baixo, três pra cima... E eu ganhava por produção. Fazia faculdade de manhã e o que a minha grana dava, agora falando como “coitadinho”, o meu dinheiro dava pra eu comer uma pizza com uma vitamina, no balcão, lá naqueles botecos do centro da cidade. Eu comia todo dia isso. Ficava até 22h na gráfica, voltava pra casa, e esse amigo que fazia Engenharia Florestal, nós morávamos numa “República”, ele passava no Diretório, pegava um bandeja de comida pra mim... Tá vendo o “coitadinho”? Não sei como sou gordo, já passei muita fome na vida [gargalhada]. Brincadeira. Só que esse amigo às vezes comia a metade do meu rango, eu ficava puto [risos]. Dizia, “pô, eu comi uma fatia de pizza o dia inteiro e ainda você come metade da minha comida?”.

No centro de Curitiba ainda têm as pizzas, os pastéis, os bares, a biblioteca...

Fernando: Frequentei muito aquele *predição* da Biblioteca Pública do Paraná, tinha uma pastelaria na frente, tomávamos cachaça, íamos para a biblioteca e vice-versa. A BPP sempre foi bem atuante, funcionando como centro cultural.

Você saiu de Curitiba e depois voltou. Decifrou Curitiba?

Fernando: Não sei, não sei, não sei. Eu sei que eu não tenho vontade de voltar. Eu não vou à Curitiba desde o ano 2000 e tenho um monte de amigos lá que eu adoro. No ano 2000 fui fazer um

trabalho, a gente fazia as agendas da Ilha, entrei com um projeto numa lei de incentivo municipal, foi aprovado, fiz um trabalho parecido só que sobre Curitiba. Era uma agenda cultural com informações sobre a cidade. Fiquei indo e vindo pra realizar o projeto, depois não voltei lá. Faz 20 anos que não vou lá. Não tenho a mínima vontade, igual São Paulo. Fiquei 17 anos sem voltar pra São Paulo, depois que eu saí do Lira Paulistana. Também não tinha vontade. Fui pra gravar o documentário sobre o Lira, era mais barato eu ir pra gravar lá do que eles virem pra gravar um depoimento meu aqui. Não sei se eu não gosto de voltar para os lugares, mas para Florianópolis eu voltei, é a segunda vez que moro aqui. Se bem que em Curitiba, eu morei quatro ou cinco vezes lá. Curitiba era o meu porto seguro por causa dos amigos e de trabalho.

Há outra história sobre suas mudanças de cidade?

Fernando: Houve uma vez que depois de morar uns dois anos e meio em *Floripa*, durante a primeira vez, e eu fui para Belém. Eu estava numa fase ruim, péssima, eu surtei mesmo, eu tomava antidistônico, tomava um vidro de dienpax por dia, 24 comprimidos, pra tentar trabalhar e mesmo assim não conseguia. Consegui um acerto com o pessoal do jornal pra conseguir uma grana e me mandei com meu amigo Raimundo Caruso, escritor, poeta, e nós fomos para Belém. Pegamos um trem de São Paulo para Brasília e de lá fomos para o Norte. Mas eu estava mal, sem vontade de fazer nada, sem condições.

Qual era o motivo?

Fernando: Eu estava numa crise total, com a vida, com tudo, inseguro, tinha medo de tudo, minha vida estava um caos. A ideia era ir até as Guianas fazendo reportagem, eu e o Raimundo, e depois vender as matérias, um lance independente e *freelancer*. Chegou um dia que pra mim não dava mais, disse pra ele continuar a viagem porque eu ia voltar. Fui numa agência de viagem pra comprar a passagem e a mulher perguntou “pra onde?”, eu não sabia responder, eu não morava em lugar nenhum, deu um vazio, na hora pensei “onde eu tenho mais amigos?”. Foi assim que decidi ir pra São Paulo.

Aproveitando que você comentou sobre a ideia de produzir matérias para depois vendê-las, como funcionava seu trabalho nos jornais? As pautas eram determinadas?

Fernando: Normalmente você tinha pautas determinadas. Se você trabalhava na reportagem Geral, eles pediam três, quatro matérias por dia, na pressão... Às vezes tinha matéria fácil, só precisava de um entrevistado e dava pra finalizar. Só que outras, pra ter um bom debate, era preciso ter várias pessoas, fontes legais, pra que a matéria ficasse boa, depois tinha que escrever. Tudo isso em cinco

horas de trabalho!

E quanto aos equipamentos usados nesse período pra se fazer uma matéria, quais eram?

Fernando: Caneta BIC e lauda de jornal dobrada. Você fazia uns rabiscos, umas anotações, depois nem eu entendia direito o que eu tinha escrito, eram as referências, mas eu acabava usando mesmo a memória. Tem uma história legal sobre isso... Uma vez tive que entrevistar o Marcello Caetano, presidente do Conselho de Ministros de Portugal, sucessor do Oliveira Salazar, ele tinha se exilado no Brasil, eu trabalhava no Canal 4 da TV Globo. Foi uma matéria audiovisual, me deram essa pauta, plantão de final de semana, entrevistar o cara cedo, às 8h da manhã, eu tinha virado a noite. Meti óculos escuros pra dar aquela disfarçada e fui entrevistá-lo, fui completamente irresponsável... E ele, muito esperto, percebeu. Ele começou a falar, como a matéria ia ser gravada, eu não me preocupei muito em fazer anotações, só que ele notou e perguntou: “o que eu disse? Você anotou?”. Ele ficou indignado, é claro, com toda a razão, ele estava falando e eu sem anotar nada, nem prestei atenção no que eu fazia. Depois tive que convencer ele pra continuar a gravar a matéria.

Ainda sobre a parte técnica do jornalismo, você poderia contar um pouco sobre a produção do jornal impresso?

Fernando: Eu tive várias experiências no jornalismo. Quando eu vim trabalhar no jornal O Estado, aqui em Santa Catarina, eles tinham acabado de entrar em offset, era o que tinha de mais moderno, até então era a fase tipográfica, eu não peguei essa fase. Mas eu trabalhei em São Paulo, por exemplo, no jornal Shop News, que era imenso, rodava 550 mil exemplares, distribuição gratuita, muitos classificados. Era um jornal penetra, você não escolhia ele na banca, ele entrava debaixo da porta, com uma tiragem de mais de meio milhão de jornais, era uma força! E eu peguei o Shop News numa fase que esse jornal estava acabando de entrar no sistema offset. Uma coisa que me arrependo de não ter registrado, na época eu não fotografava, não tinha interesse, eram máquinas linotipos [inventada pelo alemão Ottmar Mergenthaler]. O Shop News tinha 22 linotipos. Vocês conhecem uma máquina linotipo? Era uma coisa imensa, gutenberguiana [Johannes Gutenberg, um dos inventores da imprensa], da altura de uma casa, uma coisa complexa, a “quente” como a gente dizia. Tinha uma barra de chumbo que ficava pendurada derretendo, o cara ia compondo o texto, o chumbo ia fazendo as letrinhas e saía linha por linha, depois era montado na página pra finalmente ser impresso. Esses dias eu andei pesquisando, quem sabe eu compro uma linotipo [rindo], nem deve existir. Falando sobre o Shop News, eu era editor de Turismo, mas eu fazia um bico na secretaria gráfica, ou seja, eu fechava o caderno de Turismo, depois ia pra oficina que era uma coisa de que eu sempre gostei. Aí eu liberava as páginas do jornal, ele só rodava quando eu autorizava.

Revisava página por página, via se não tinha erro, se estava legal a foto e liberava quando estivesse tudo pronto. E na secretaria gráfica eu vi a parte gráfica eliminando esse velho processo das linotipos, a cada semana, uma máquina dessa era vendida. No começo, a composição era feita na linotipo e impressa em offset, aos poucos eles foram desativando esse sistema, adotando a composição eletrônica. E uma curiosidade, toda semana que eles vendiam uma máquina daquela, o operador ia junto, já que ela só funcionava com um cara que dominava a técnica e conhecia aquela máquina. Conseguem imaginar? O funcionário estava há 30 anos trabalhando naquele equipamento, ele conhecia a gambiarra, tinha um arame aqui, uma borrachinha ali...

As máquinas iam para o interior de São Paulo, cidades pequenas e gráficas pequenas, não era uma tecnologia nova, mas era acessível. Se eu tivesse documentado isso, teria dado uma grande matéria. As 22 máquinas foram sumindo e os caras iam com elas. Esses operadores eram todos meus amigos. E a categoria dos gráficos é reivindicatória, aquela coisa ainda ligada à vinda dos anarquistas ao Brasil. E pra você circular bem na secretaria gráfica, todo mundo da linotipo recebia uma taxa a mais pra comprar leite porque aquilo era tóxico. Claro que ninguém tomava leite, pessoal bebia muito. E eu como secretário gráfico, pra ganhar esse pessoal, levava 3 garrafas de vodca, deixava enrustidas no banheiro, eles já sabiam, assim todos trabalhávamos bem [risos]. Eu vi todo esse processo de mudança técnica. Procurem ver essa máquina linotipo, é algo assombroso de grande, pesquisem aí no Google só pra sacar como era...

O Cleber Teixeira, da editora Noa Noa, tinha uma linotipo, ele fazia todos os livros dele numa linotipo.

Retomando a conversa, você disse que gosta da sonoridade do teclado por conta da semelhança que tem com a máquina de escrever...

Fernando: Sim. Aquele toc toc toc toc. Tinha a ênfase que a gente dava trabalhando na redação de jornal. Quando você escrevia aquela palavra para fechar a frase, eu batia com toda força, emoção, batia com tudo: “pau, pau”.

Era o prazer do jornalista?

Fernando: Era o orgasmo, a ênfase tinha a ver com a matéria. Você se sentia satisfeito, aquela adrenalina.

O som da máquina de escrever é musical?

Fernando: É um pouco de música sim, talvez, mas tinha muito de gana, de vomitar o texto, era um saco de pancadas. E era muito engraçado, primeiro se escrevia, depois levantava a máquina para

corrigir a lauda embaixo com uma caneta e fazia os arranjos. Era muito engraçado fazer jornal, era gostoso, tinha um clima, uma solidariedade dentro do trabalho. Tinha muita sacanagem também como em tudo que é canto: jogadas políticas, todo mundo te usando pra isso e praquilo.

Aproveitando esse diálogo sobre técnica, e avançando no tempo, como era o processo de divulgação dos Long Players gravados no Lira Paulistana?

Fernando: Nós tínhamos uma máquina impressora no Lira, eram feitas 150 cópias daquele release em papel, dobrava tudo e etiquetava. Nós tínhamos quatro pessoas para distribuir isso, três iam de ônibus. Tinha aquela molecada de 16 anos que ficava sempre circulando por ali, o Fernandinho, o Edu, e a gente explorava esses menores... [Risos]. E eles achavam ótimo, o Lira tinha um puta prestígio, eles chegavam nas portas dos jornais e diziam “Eu sou do Lira Paulistana”. Pra eles era um orgasmo aquilo.

Nos lugares mais longe, ia o Plínio Chaves, que era um dos sócios, numa Brasília [automóvel da Volkswagen] que ele tinha ou eu emprestava a minha para alguém fazer esse trabalho. O objetivo era entregar os releases nas mãos dos jornalistas pra que aquele material não ficasse na portaria porque às vezes os caras escondiam, tinha muito esquema. O release buscava passar a informação. Eu tinha uma postura diferenciada na divulgação em relação ao Lira, foi uma postura minha: o assessor de imprensa não era o cara que ia fazer a cabeça do outro, eu dava liberdade para ele publicar se ele quisesse. Era uma questão de respeito. Como eu fui jornalista na maior parte da minha vida, a pior coisa que tem é você ficar pedindo pra publicar algo. Eu mandava a informação para o cara, “ó, tá rolando isso”. Embaixo do release, que era assinado por mim, eu dizia: “maiores informações, ligue para o Fernando Alexandre”. Deixava em aberto a coisa.

Qual a rotina dessa divulgação do Lira Paulistana?

Fernando: Nós fazíamos isso duas vezes por semana, o Lira tinha uma produção intensa. Enviávamos um boletim na segunda-feira e outro na quinta-feira. Nós tínhamos uma maquininha pra imprimir esse material.

Qual o teor dos releases?

Fernando: Não era uma crítica musical. Eram informações que o jornalista precisava ter sobre o disco e sobre o artista: número de faixas, isso, aquilo, o que o artista da obra pensava sobre o trabalho. Se o jornalista se interessasse pelo material, ele me ligava. Mas não tínhamos a intenção de convencer sobre a divulgação, dávamos liberdade de escolha.

Tinha uma história com o Tiago Araripe...

Fernando: Foi o 2º disco que a gente produziu no Lira. O Tiago tá morando em Portugal, agora ele virou músico de novo porque tinha parado por um tempo, o Zeca Baleiro recuperou ele, relançou o disco Cabelo de Sansão. Ele gravou mais um disco, largou a publicidade. E esses dias ele postou no Facebook um release que escrevi há 30 anos. Eu aproveitei e contei como nós fazíamos a divulgação de um disco naquela época.

E quanto ao seu trabalho como crítico musical, o que você poderia comentar?

Fernando: Sim, fui crítico de música, acredita? Até um dia que caiu a ficha e me perguntei: “pô, quem sou eu pra dar opinião sobre o trabalho musical dos outros?”. O pessoal numa puta batalha para produzir e divulgar o disco, eu aqui julgando o trabalho deles. Era crítico de música nacional, trabalhava com isso na Gazeta de Pinheiros, chamado de jornalzinho, mas eram tirados 80 mil exemplares, entende? Circulava em Pinheiros, na região da Universidade de São Paulo (USP), por ali afora, tinha certa influência e tal. Eu era editor do jornal, mas fazia crítica musical porque eu curti música, não ganhava pra isso. E também tinha o seguinte, você ganhava tudo que é disco lançado. Boa parte da minha coleção de discos, que te dei de presente [Tiago tornou-se o donatário], veio daí. Os caras mandavam 40, 50 Lps por semana! Eu selecionava dois ou três que me interessavam, que queria escrever sobre, o resto distribuía para o pessoal da redação do jornal. Era aquele período que as grandes gravadoras estavam chegando no país: Ariola, RCA, investindo muita grana na música brasileira. E escrevia sobre música. Eu lembro que fiz uma crítica dando o maior pau num disco, era de um sambista que não lembro quem, e me toquei, pô, ele faz um trabalho há tanto tempo, tem público, e eu criticando seu trabalho? Foi nesse momento que parei com isso, passando a dar só informações sobre os discos, o lance do release...

Isso foi antes do Lira Paulistana?

Fernando: Sim, meu trabalho na Gazeta de Pinheiros foi antes da minha participação no Lira Paulistana. Eu conheci o Lira por causa da Gazeta. O Lira foi o primeiro teatro do bairro Pinheiros, era caminho da minha casa até a redação do jornal, então eu passava todo dia lá. Fiquei amigo do pessoal, conheci a turma. Inclusive, fiz a cobertura da inauguração, isso era impensável, um editor de jornal jamais faria isso, pegava e mandava um repórter. Mas eu fiz questão de ir e cobrir. Fizemos um caderno especial informando sobre a fundação do Lira Paulistana, o primeiro teatro do bairro. A matéria se intitulava “Enfim Pinheiros tem um Teatro”.

Como foi a inauguração do Lira Paulistana?

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

Fernando: Foi inaugurado com uma peça de teatro. A ideia não era ser um lugar de música, aliás, não se tinha muita noção do que ia ser aquilo. O gordo [Wilson Souto Jr.] montou aquele troço e não sabia direito no que ia dar.

E o processo fundacional?

Fernando: A história é legal. O Gordo era músico, entende? Fazia parte de um grupo chamado Macuco. Tinha um monte de gente trabalhando com arte em São Paulo e existia aquela carência de um espaço. Ele e mais um amigo, um administrador de empresa, o Valdir Galiano, trabalhava na Gessi Lever, Suzano Papéis, algo assim. O Galiano se encheu de trabalhar nisso, saiu, pegou uma grana pra investir em algo. Como os dois eram amigos, pensaram em montar alguma coisa ligada ao universo do espetáculo. A princípio, eles pensaram num estacionamento que funcionasse durante o dia pra guardar carros e de noite como um teatro. A ideia inicial era essa, uma boa ideia, utilizar um mesmo espaço de várias maneiras. No final, eles acabaram achando um porão pra alugar, localizado na Rua Teodoro Sampaio, número 1091-A, que possuía 400 metros quadrados. Eles alugaram esse espaço, reformaram, construíram manualmente as arquibancadas e foi assim que o Lira ganhou vida. Mesmo com isso, não se sabia se seria um teatro ou um circo.

Quantas pessoas cabiam no “porão”?

Fernando: O Lira Paulistana comportava 180 pessoas mais ou menos, isso com muita boa vontade. E olha que a gente chegou a pôr 250. Se aquilo pegasse fogo, seria um homicídio, mataria um monte de gente, se bem que tinha uma saída de emergência por trás. Depois o Paulo Maluf [então governador de SP] fechou o Lira por causa dos problemas de segurança. Depois o espaço foi uma lambateria, pois a lambada [ritmo musical] estava um sucesso. Hoje em dia eu não sei o que tem lá.

Numa conversa com um dos fundadores do Blue Note, ele comentou que ficou um vácuo musical depois do Lira Paulistana ter fechado. Por isso, o *Blues* foi um dos gêneros musicais da casa...

Fernando: O Blues não rolou no Lira, isso é verdade. E com certeza, deixou um vazio. A Cyda Moreira sempre dizia algo bem legal: “olha, você podia não saber de nada, mas vá no Lira que vai acontecer algo diferente”. E realmente acontecia.

Como era a “azaração” no Lira Paulistana?

Fernando: Tinha aquele lance de ser do Lira, eu também sempre me achei um cara “tchan tchan tchan”, um sedutor. Mais ou menos, não era tanto. Mas no Lira não rolava nada. Nós tínhamos um

sistema de escala, num dia eu estava na bilheteria, chegou uma gatinha e começou a me azarar. Ficamos batendo papo, pensei, que maravilha, ganhei a sexta-feira. Eu na bilheteria e ela na parte de fora, aí ela me diz “tio, me libera a entrada, por favor?” [gargalhadas]. Pensei, putz, vou ter que fechar a bilheteria e ir pro Riviera [bar e restaurante] tomar uma cerveja.

E o camarim do Lira Paulistana?

Fernando: O camarim do Lira era apertado, um corredor, um encoxava o outro, mas não rolava nada...

Você pegou a fase *Rock* do Lira?

Fernando: Eu não peguei essa fase. Eu saí um pouco antes de começar a fase rockista, cheguei a acompanhar alguns grupos, como o Cólera, Ratos de Porão. Inclusive tem uma história muito bacana sobre a invasão punk, o Kid Vinil conta essa história no documentário [Lira Paulistana e a Vanguarda Paulista]. O Kid tinha uma banda na época: Kid Vinil e Verminose [depois virou Magazine], ele tem uma música bem conhecida “Sou Boy”. O Kid era nosso amigo, estava sempre ali, trabalhava na Continental [gravadora], vez ou outra lançava um sucesso. Num certo dia, ele tinha um show de sexta e sábado, às 0h, era o show maldito. Ele fazia um programa de rádio FM, numa emissora da Globo, sobre punk, só que os punks estavam achando o Kid muito *New Wave* [gênero musical surgido no final dos anos 1970]. Os punks decidiram ir ao show do Kid nesse dia, já estava um clima pesado entre eles e o Kid, o Riba de Castro [um dos sócios do Lira Paulistana] estava desconfiado do perigo disso, era o plantão dele no dia. Por segurança, o Riba levou a bilheteria lá pra cima, pagava e entrava. Os punks começaram a chegar, veio o Clemente [Inocentes], e eles começaram a pressionar o Riba, queriam entrar... O Riba sacou e fechou a porta. A porta balançava, de repente estourou, coturnos começaram a passar por cima do Riba e foi uma quebradeira lá embaixo. Destruíram a mesa de som, machucaram o pessoal da banda, foi barra pesada. Nesse dia, eu estava de folga, fui beber num boteco. Era 1h30 da madrugada, fui passar no Lira, quando cheguei perto, várias viaturas da polícia ao redor, pensei, “a casa caiu”, pois éramos vulneráveis. Perguntei preocupado o que havia ocorrido e me disseram: “os punks quebraram todo o teatro!” No dia seguinte, arrumaram todo o estrago, liguei para o Kid Vinil, disse pra fazer no sábado, nós montamos um esquema de segurança, ele disse: “você tá louco, vou para o Guarujá”. Depois ele ficou bem com os punks [risos].

Voltando ao período que você trabalhou como jornalista no Paraná...

Fernando: Eu trabalhei na Globo, canal 4, no período que era do Grupo Paulo Pimentel, lá nas Mercês, trabalhava na TV e no jornal. Era um complexo: a redação do jornal embaixo e a televisão

em cima. Eram os jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná, a TV Iguaçu e uma emissora de rádio. Depois trabalhei na Globo de novo, quando já era do “Chiquinho Beleza”, o Francisco Pereira da Cunha, do grupo Gazeta do Povo. Era no “castelo” do Lupion, no Batel. Os caras da Gazeta do Povo eram poderosos.

Como foi na Gazeta do Povo?

Fernando: Cheguei a fazer umas coisas lá, meu primeiro emprego foi na Gazeta do Povo. Na vetusta como nós chamávamos, aquela coisa clássica. Foi duro, hein?! Terrível, estudando, passava fome, bem complicado. Por meio de uma empresa que tinha com alguns amigos, apresentei um projeto para fazer um caderno de economia para o “Chiquinho Beleza”, o dono da coisa. Só que não deu certo. Eles eram “picaretas”. Montamos o caderno especial, tinha um custo de anúncio, uma equipe vendia, a coisa funcionava terceirizada. Por exemplo, queríamos falar sobre o mercado imobiliário de Curitiba, coisa séria, cada centímetro da coluna custava X, quando o terceirizado ia vender, o pessoal da Gazeta ia atrás e dizia pra quem ia pagar: “não, vocês vão pagar tudo isso? Podemos fazer mais barato na edição normal do jornal”. Jogo pesado! Teve um dia que o caderno estava pronto, entramos na oficina da Gazeta (tínhamos amigos lá), sequestramos tudo, nada foi publicado, isso ferrou com o faturamento deles, nós também nos ferramos. Por esse atravessamento deles, nosso faturamento tinha caído 80%, eles faturavam tudo por trás, mas esse caderno não saiu. Três dias depois, o Chiquinho nos chamou e disse: “vocês foram indignos”. Não tinha mais nada pra se fazer, fomos embora mesmo. Indigno? Porra nenhuma! Nós brigamos muito lá em Curitiba, os caras eram filhas da puta pra caralho. Até tentamos fazer tudo direitinho pra poder sobreviver e ganhar uma grana, só que o jogo era pesado.

Atualmente, a Gazeta do Povo tem uma circulação nacional por meio da internet e assumiu um editorial em defesa da família, da propriedade, dos costumes, do liberalismo...

Fernando: Sempre foi assim, mas legal assumidamente dizerem isso. Bom, vamos tomar um vinho?

Em Curitiba tem alguma história pra contar?

Fernando: Um tempo fiz umas coisas bem doidas com dois amigos de Curitiba. Todos jornais do Paraná eram amarrados ao governo do Estado. Quando mudava a gestão, tinha a associação dos proprietários de jornais, um árabe, o Abdo [Kudri], que era o mais escroto, dono do jornal Notícias Populares, não tinha importância, pouca tiragem. Mas ele que arrochava o governo, que fazia o “acerto”, que era a subvenção, até hoje deve ser assim. Isso não representava o espaço publicado,

cada jornal recebia uma quantia do governo estadual. Começava o mandato do novo governo, todos os jornais atacando a gestão, criticando por uns três meses. Entrava o Abdo em ação (cheguei a morar de aluguel num imóvel que era dele, não sabia disso) e fazia o arrocho, o papel mafioso. Ele que fechava os esquemas com o governo novo, tinha poder. Não era uma mídia técnica como a gente chama. O que rolava era o seguinte: o governo dava uma quantia de acordo com a tiragem do jornal, dividia a grana pra publicar tudo que o governo mandava, sem fazer oposição, jamais! Tudo se baseava simplesmente numa jogada política. Foi nesse lance que eu e esses meus dois amigos inventamos uma história, eu trabalhava no O Estado do Paraná. Chegava sempre um pacote de releases nos escaninhos de cada jornalista. Nós começamos a brincar e a mexer com esse material que vinha do palácio do governo. A brincadeira era feita por mim, o Toninho Vaz e o Dante Mendonça (ambos dizem que é mentira minha, eles têm seus motivos, tudo bem). O acordo funcionava assim: combinávamos pra ver quem seria capaz de fazer a notícia mais absurda, depois comemorávamos no boteco, no Cometa. Quem publicasse a notícia mais impensável, não pagava a conta daquele dia. A gente falsificava os releases do palácio. Eles dizem até hoje que isso tudo é mentira, cheguei a comentar com eles, sempre negam [rindo alto].

Pode citar um exemplo desse tipo de “trollagem”?

Fernando: Uma vez dei um título de cidadão honorário ao Jayme Canet Junior que era governador do Paraná numa cidade de Santa Catarina, Salto do Lontra. A matéria foi parar nas primeiras páginas do jornal, notícia completamente falsa, ninguém desmentiu. O governo nunca foi lá, foi um absurdo total.

Era sua forma de protestar?

Fernando: Sim, botar pra foder. Essa era a única maneira que nós tínhamos de fazer algo diante dessa palhaçada da subvenção. Eles publicavam tudo que vinha do governo, os jornais repassavam mesmo. Funcionava assim, ninguém questionava.

Estamos gravando isso, pode publicar?

Fernando: Claro, pode, tudo bem, não tem problema.

Alguma outra heresia?

Fernando: Ah, a gente inventava várias histórias, estórias. Eu como jornalista no Paraná, sou totalmente queimado. Dizem que a única coisa que o jornalista tem é credibilidade, lá eu não tenho nenhuma porque sempre fazia esse tipo de coisa.

Descobriram que você era maldito?

Fernando: Claro, não são trouxas. Descobriram sim. Houve um caso, só que nesse maneiramos. Tinha um colunista cultural lá, o Aramis [Millarch], ele mantinha uma coluna diária, era uma figura interessante, pesquisador da música brasileira. Era controverso, mas bem interessante, tinha uma baita discografia, todo artista que ia pra Curitiba, ele gravava uma entrevista. Inventamos um título de cidadão honorário pra ele numa cidade lá do interior que não tinha telefone, pra fazer ele ir lá, comprar passagem de ônibus e ir buscar o título [risos]. Só que não tinha coisa nenhuma. Depois cancelamos a brincadeira, pô, ele estava velhinho, ia buscar o título e não ia ter nada. Desistimos de fazer isso.

Sobre o seu trabalho na TV, qual era a sua função?

Fernando: Era repórter. Também peguei a fase do começo da televisão, nos tempos da “muda”. A “mudinha” era uma câmera com película, da marca Bolex, aceitava três lentes que podiam ser trocadas, você dava corda e começava a filmar. Ela só filmava, não tinha áudio. O mais importante era o cinegrafista que ia fazendo as imagens, o repórter da “muda” ia junto só para anotar as informações, depois as repassava para o editor. Trabalhei um bom tempo como repórter da “muda”. Depois trabalhei como repórter com a Sonora [tipo de câmera], mas continuava sendo película, não tinha vídeo! Eu sou do tempo que vídeo não existia, só película.

Como funcionava a parte operacional da conversão da película com o áudio?

Fernando: A imagem era levada na emissora, o vídeo era editado, o jornalista fazia o relato da matéria, o editor montava o texto, por fim, era feita a narrativa. Eu comecei a trabalhar com TV em Curitiba.

Quer falar sobre as relações de trabalho?

Fernando: Te exploravam muito. Por exemplo, no O Estado do Paraná, eram feitas matérias com quatro cópias com carbono, você não recebia nada além disso. Ia uma cópia para televisão, para os jornais, não tinha o lance de matéria exclusiva, isso era normal. Era pago um salário para trabalhar em cinco veículos e não tinha sindicato, nada disso. Se você conseguisse algum destaque, era possível exigir um pouco mais dos caras.

Rádio você também fez?

Fernando: É legal, eu gosto de rádio, mas fiz muito pouco.

Em qual órgão você se sentia mais à vontade?

Fernando: Você trabalha sempre no limite e sempre tem um limite. Quando trabalhei na Gazeta de Pinheiros, era um jornal de bairro (nunca tinha trabalhado num) e tinha um projeto interessante. O dono tinha sido comunista, seu Durval Quintiliano de Oliveira, só que era um comerciante e não mandava no negócio. Mas ele estava de “saco” cheio do jornal, apesar de dar certo, mesmo assim, ele tinha que manter seu funcionamento. Ele tinha três filhos bem complicados, eles queriam intervir na redação do jornal, isso era um problema. A esposa dele, a Carmen, aos 60 anos tornou-se feminista e inventou de fazer um caderno feminino no jornal. Como eu trabalhava como editor, ela fazia o caderno, estando subordinada a mim, no fundo não, afinal, era a dona do jornal, imagina... O Durval me chamava e dizia pra não publicar, eu dizia que não tinha solução porque ela era dona também. Fiquei dois anos e meio e depois saí. Era o maior jornal de bairro de São Paulo, bem respeitado. Procurei abrir um pouco, nacionalizar o conteúdo. Por exemplo, quando rolava um show nacional, fazia uma puta entrevista, como foi o caso de uma agenda do Elomar...

Seu trabalho na Gazeta de Pinheiros influenciou seu trabalho futuro no Lira?

Fernando: Não, era um jornal comercial, atrelado ao comércio.

Na Gazeta de Pinheiros foi o seu primeiro trabalho como editor?

Fernando: Não, em Curitiba cheguei a editar um jornal diário de economia, o Indústria e Comércio, e *putz*, não entendo nada de economia. Era um jornal independente, criado pelo empresário Odone Fortes Martins. Me peitei um pouco com o pessoal do partidão [PCB] que antes dominava o jornal. Aliás tinha uma “máfia” do partidão que segurava um pouco a mídia: Fábio Campana [faleceu em 2021], Nego Pessoa, Walmor Marcelino. Eram os comunistas históricos que dominavam uma parcela do mercado editorial. Eu fui colocado nesse jornal, só que era complicado: toda a redação do jornal tinha sido indicada pelo Fábio Campana que saiu e me indicou. O Campana vinha sempre na janela da redação, era um imóvel térreo, pra dar a pauta do jornal para o restante da equipe, menos pra mim. Eu não conseguia fazer nada, os comunistas são fodas, precisei peitar os caras. Cheguei no dono do jornal e disse “eu faço o jornal ou o Campana vem fazer”. Não estava recebendo salário, estava atrasado e ainda não conseguia fazer o trabalho, essas barrinhas. Campana é um cara poderoso, fez campanhas políticas, inventou personagens, tem uma editora [Travessa dos Editores], uma revista [Et Cetera e Ideias]. Ele foi assessor de imprensa do José Sarney, fez uma campanha pra presidente da República no Paraguai. É uma pessoa interessante, reconhece que cometeu erros, coisa e tal... É conhecido como “Zapata”.

A situação dos jornalistas no momento tem se complicado, em decorrência da inexistência de bancas, do enxugamento de jornais e revistas impressos, do advento da internet etc. Mesmo assim, o trabalho do jornalista pode trazer prestígio e riqueza? Qual sua opinião?

Fernando: Papo furado. O jornalismo dava grana pra quem fazia os esquemas, no Paraná era chamado de “chuncho”. Você de repente podia ser um jornalista bem sucedido porque recebia grana da secretaria tal e tal pra falar bem e não criticar. Isso era chamado de “chuncho”, o Paraná tem até uma palavra específica para essas negociações. Inclusive, nós denunciávamos isso num congresso de jornalistas que aconteceu em Curitiba, fizemos um jornal só pra falar disso. Nos ferramos, é claro.

...

Fernando: Nós fizemos muito jornalismo, mesmo com as limitações de sempre, procurando driblá-las. No O Diário do Paraná, do Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, por exemplo, a gente chegava a fechar o jornal no Bar do Luiz, um boteco que ficava embaixo da sede do próprio jornal. Descíamos com as máquinas e terminávamos lá, depois mandávamos rodá-lo. Imagina? Todo mundo bêbado! [gargalhadas]. O Estado do Paraná acabou, os caras fecharam, não sei qual é o acervo deles, gostaria até de saber, tem muita coisa minha lá, incluindo fotos das minhas atuações no teatro. Talvez o Dante Mendonça deva saber, ele era um parceiro, fazíamos atividades juntos.

E como entrevistador?

Fernando: Tem uma estória legal chapliniana [referência a Charles Chaplin], quando fiz uma entrevista com o Lula, numa matéria sobre a mecanização da indústria automobilística. Ele me contou que num dia a esposa de um operário foi ao sindicato pra dizer que o marido chegava em casa e de noite apertava os bicos dos seios dela como se estivesse apertando parafusos. Foi uma matéria para a revista Quatro Rodas. A matéria surgiu quando um dos Civitas [Grupo Abril] soube que havia uma função responsável por diminuir o peso dos carros a cada ano, isso causou curiosidade. A matéria buscou averiguar as funções “estranhas” na linha de montagem da indústria de carros. Durante a matéria, descobri a função do descabaçador, que era o responsável por pegar o carro, ligá-lo e testá-lo pela primeira vez. Também tinha a função do cara que enchia o carro com os cinco litros de gasolina para esse funcionamento, ele fazia isso a vida toda dentro da fábrica. Eu fiquei de três a quatro meses dentro das indústrias automobilísticas – Ford, Volkswagen – curtindo fazer a matéria e descobrindo informações. Tinha o puxador de linha, o sujeito que tinha uma habilidade manual maior que os outros, não podia ser descoberto porque era execrado. Ele ficava na linha de montagem e podia acelerar a produção, colocando o pessoal no ritmo dele, ele ganhava

mais por isso, inclusive. Isso eu não podia contar, fiquei sabendo.

Como era a imersão na produção desse tipo de matéria?

Fernando: Era feito como *freelancer*, quanto mais rápido você terminasse, mais rápido recebia a grana. Era preciso falar com o assessor de imprensa para ele te liberar o acesso, tinha os perrengues. Outra matéria que fiz numa imersão foi na Colônia Santana [Hospital Psiquiátrico de Santa Catarina], me internei e fiquei como paciente. A história foi assim: assumiu um diretor nesse hospital, um cara mais aberto, ele começou a interromper o tratamento com choque elétrico, a dar aulas para os internados. Porque a Colônia era um depósito, os pacientes eram jogados lá pra sempre, era um asilo, não se saía mais de lá. E esse diretor, o Julinho, passou a dar alta para os pacientes, com a ideia de que a cura só ocorreria com a família, isolados não seria possível. Imagine o quiproquó. A família pensava que ia se livrar do “doido”, internado há cinco, seis anos, de repente o cara voltava pra casa e complicava tudo. E eu entrei nesse caso depois de conhecer o Julinho, ele estava na eminência de cair, e eu fui lá fazer a matéria para mostrar o que ocorria. Fiquei lá uns 15 dias como paciente e só ele sabia, inclusive me orientou a não tomar nada de medicamento, só fingir que engolia pra depois jogar fora. A medicação usada era Alopenridol e Aquinetom. Eu surtei, fiquei completamente desequilibrado lá dentro, foi pesado, não segurei, pedi pra sair. Fui pra casa, fiquei uma semana na cama, não conseguia me levantar. Acabei descobrindo que não estava lá definitivamente por mera situação financeira, podia estar tranquilamente lá dentro. Não conseguia trabalhar, não ia para o jornal. Fiquei uns 10, 15 dias em casa, nem consegui fazer a matéria. Depois voltei, fiquei mais uma semana e fiz uma série de três matérias grandes, de páginas inteiras. Acabei dando uma força para o diretor, falando da nova terapia, dizendo que o isolamento não resolvia etc. Uma coisa bem primária, mas necessária. Hoje fico pensando, o que será que escrevi? Tenho receio de ver essas matérias porque escrevia sobre assuntos que não tinha tanto domínio [risos]. Tenho medo de ver porque não tinha embasamento nisso... Lá dentro do Hospital acabei conhecendo uma chefe de enfermagem, pintou uma estorinha entre a gente, começamos a namorar depois. A história da Colônia foi forte pra mim, descobri que estava fora dela por mera questão econômica, podia estar lá de qualquer maneira como um interno. Estava realmente mal nesse momento. Esse hospital tinha coisas interessantes, houve uma política estadual com ambulatorios em várias regiões de Santa Catarina, tratamento médico, remédios, uma tentativa ousada de atender o público de saúde mental. E os pacientes eram jogados lá pelos familiares, um verdadeiro depósito. Mas nessa nova direção rolou um lance de dar alta e mandar os pacientes para as famílias. O hospital fretava um ônibus com os internos e ia entregando-os nas suas casas. Claro que avisavam antes, mas a reação das famílias era estranha, pensavam que tinham se livrado do problema e acabavam tendo que conviver com os

“loucos” novamente. Era forte esse processo e complicado. Fiz uma viagem dessas com o ônibus todo cheio de “doidos” como a gente dizia. E minha intenção foi ajudar o novo diretor da Colônia Santana.

O jornalismo tem esse lado ativista?

Fernando: Eu acho que tem. Tem que ter.

De não só repassar a informação...

Fernando: Sim, acho que pode ser. Só passar informação é bobagem, qualquer máquina faz isso e repassa. Jornalismo tem que ser isso, coração, alma, entrega [silêncio]. Tem algumas matérias que me emocionaram. Teve outra bem engraçada. Tinha um cara chamado Eduardo de Lima e Silva Rohrer, sobrinho do Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva), ele possuía um cartão imenso que dizia “pacificador dos índios botocudos de Santa Catarina”. Era considerado maldito, um “bugreiro” [exterminador de índios]. Estou falando isso pra comentar ainda sobre a autonomia de pauta no ofício. No O Estado eu tive por um período, chegava no gerente e dizia “me dá uma grana, um fotógrafo pra eu viajar e fazer uma reportagem”. Ficava uma semana, voltava com três, quatro reportagens legais. Eles tinham uma confiança em mim. Aí fui fazer uma matéria numa reserva indígena de Ibirama. Fiquei alguns dias lá, não foi fácil, índio de reserva, aquele clima pesado. E o Eduardo Rohrer, o tal pacificador, matador de índios, que foi expulso do (Serviço Nacional do Índio). Diziam que ele “comia” as índias, umas histórias que não sei, mas que provavelmente eram verídicas. E ele morava na entrada da reserva pra continuar vivendo perto daquilo. Estava com o Paulo Dutra (fotógrafo), ele era mais malandro, gostava de trabalhar com ele, a sugestão de entrevistar o cara foi dele. Entramos no pátio, pintou uma alemã, a esposa, ela comentou pra irmos falar com ele na varanda. Cumprimentei o cara (eu era cabeludo e barbudo, ainda sou) e ele me disse “cabeludo e barbudo, deve ser gente boa”. Pensei, ganhei o cara. Fiquei lá o dia inteiro, me recebeu bem, conversamos o dia inteiro, fiz uma baita matéria sobre ele, acabei resgatando a história dele. Ele precisava de um resgate porque ele era considerado maldito e as pessoas não sabiam das histórias. Ele me contou histórias maravilhosas, era um cara muito inteligente, pensamento rápido. Defendeu-se um pouco, não muito, preservando certa dignidade sobre algumas acusações (não perguntei se ele matava os índios e transava com as índias). Ele dizia que quando o positivismo assumiu o SNI (Serviço Nacional do Índio), o órgão mandava medalhas imensas, correntes, com a cara do José Bonifácio que era para os indígenas usarem no pescoço. Mas eles não imaginavam que os índios usavam na cintura os adereços. No fim, os índios ficavam com a cara do Bonifácio na bunda. Os indígenas não eram chamados de índios, mas trabalhadores nacionais e

eram cadastrados. E os índios adoravam ele, passavam na casa dele, uma coisa meio por aí, não dá pra saber direito. Os índios apelidaram ele de “catangara” [madeira que enverga, mas não quebra], inclusive coloquei esse nome num barco que tive, foi uma homenagem a ele, claro [risos]. Era um barco de sete metros. Essa foi uma boa entrevista que fiz, só tenho medo de vê-la porque deve ser muito ruim. Foi uma matéria de página inteira para O Estado. Tenho receio de ver as coisas que fiz.

Por quê?

Fernando: Porque era tudo precário, depois exigi mais de mim, de fazer um texto mais refinado, requintado, naquela altura o lance era fazer e pronto.

Mudando de assunto, como foi seu trabalho na Veja?

Fernando: No começo havia um lance legal, o Mino Carta fez um trabalho interessante. Em Curitiba, fiz *freelances*, e em São Paulo fiz *freela* e cobri férias na Veja São Paulo bem depois da fundação, por pouco tempo, foi bem complicado, muita briga, gente puxando tapete, prestígio daqui e dali. Ah, esse lance de cobrir férias era uma contratação de três meses para não criar vínculo empregatício, fiz isso na Veja e na Folha de S.Paulo. Na Folha, eu chegava na sede, aquele monte de seguranças, tinha que dizer que ia visitar eu mesmo, “olha só, quero ir lá no Fernando da Internacional” porque meu nome não estava na ficha dos funcionários. Também fiz a seção Internacional no Estadão, lá trabalhei com pessoas interessantes, como por exemplo, a Cecília Thompson Guarnieri, e tive um “caso” com ela. Cheguei lá, no segundo dia nos apaixonamos, no terceiro já estávamos transando. Ela me deu um livro “Utopia ou Morte” com uma dedicatória legal, tivemos uma história forte. Eu e a Cecília Guarnieri, figura muito legal, subiu há pouco tempo [faleceu]. Aí no dia que ela me levou pra casa dela, eu todo xucro, dormi na cama dela e acordei com o filho dela, o Paulo Guarnieri, perguntando: “oi, você é o Fernando? A mãe já tinha falado de você pra mim”.

Sobre a pauta Internacional, como funcionava a produção das matérias?

Fernando: A gente pegava matéria de agências internacionais, tais como *France Presse*, API, *United Press International*, com as quais os jornais brasileiros tinham parcerias. Quase todas eram dos EUA, você conseguia fugir disso na francesa e tinha uma de outro país que era mais neutra. No Estadão, por exemplo, nós pegávamos todo esse material, tinha mais ou menos quatro pessoas e o editor distribuía as matérias. Nós líamos os textos e reescrevíamos a matéria. No Paraná, usávamos o telegrama direto, vinha em telex, era complicado, não vinha em português claro, faltavam acentos, tínhamos que “pentear” o documento, não dava tempo, colocava os acentos, colava numa lauda e

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

mandava ver para publicar. Chegava o fim do dia, o editor perguntava, “o que tem de internacional para por na primeira página?”. Seleccionava o que tinha de destaque, fazia uma chamada de cinco linhas, de dez toques e escrevia uma chamada para a primeira página. Era um tempo sem internet, o que tinha: os telegramas, muita informação também, metros e metros de textos. A maior parte das agências tinha um teor estabelecido, não dava nem tempo de mudar. Precisava “pentear”, o que dava pra fazer era uma abertura legal e fazer umas colagens com mais de um informe. Só que os jornais não investiam no acervo fotográfico, eu aproveitava para sacanear. Pegava uma foto ótima do Pinochet, ele parecia um “cão”, jogava na primeira página do jornal quando tinha notícia do Chile, e sempre tinha. Essa foto era da Veja, avisava os caras para cobrarem os direitos, eles vinham em cima cobrar. Porque os donos dos jornais queriam economizar em tudo.

E na Carta Capital, trabalhou lá?

Fernando: Não ponho fé em nada disso. O Mino Carta toca as coisas, questão de sobrevivência dele, até tenta fazer um jornalismo bom, faz. Mas eu não tenho muita fé nessa mídia que está circulando. Vende pouco, não tem muito sentido.

O problema está no jornalismo, precisa se reinventar?

Fernando: Sei lá se não se reinventa. É que com as redes sociais, os caras tem um controle fodido nisso. É complicado, a ideologia está presente em tudo. Por exemplo, participo de grupos de pescadores daqui de Florianópolis, mas está tudo impregnado, apesar de coisas bacanas. Mídia no Brasil, fazer o que? Como? Fico pensando em arriscar algo, contribuir, até ter um canal no Youtube. Incentivaram-me até, “Fernando, você tem um tom professoral, fala legal, tenta fazer algo”.

Tipo o trabalho que o Cláudio Prado tem feito?

Fernando: É. O Cláudio é ótimo, ele arregaça. Ele até trabalhou com a gente no Lira Paulistana, o sogro dele morava na praça Benedito Calixto, assim o Cláudio se aproximou da gente. Até tentou vender nosso jornal para umas empresas grandes, mas não rolou.

Inclusive ele apresentou um dos Festivais de Águas Claras... [Há um documentário com o nome Festival de Iacanga]

Fernando: É legal esse lance de festival, eram reuniões grandes e boas, se juntava um monte de pessoas com uma energia interessante.

Sobre a massificação da informação nas redes sociais...

Fernando: Esse tipo de informação tem um custo e dá medo de que seja irreversível. Nós estamos vivendo um momento que não dá pra saber o que vai rolar. Há ainda um discurso anti-intelectual e que não pensa nada. Estamos sem pai nem mãe. Está tudo estranho. Há uma neutralização de tudo. Por exemplo, veja o caso da Globo, ela critica o governo, mas também está no esquema. Todas as televisões estão no esquema. A Globo critica um pouco mais para também receber mais. Os caras são mafiosos, tudo bandido, arrocham mesmo pra obter grana. E eles devem falar claramente isso. Ainda tem essa mídia supostamente independente que é paga também e acaba formando a opinião de boa parte da população. Está difícil de saber qual meio usar para se informar, quem você consulta hoje no Brasil em termos de notícias?

Estamos vivendo a era da pós-verdade?

Fernando: Da pós-mentira, talvez. É tudo mentira e é tudo verdade ao mesmo tempo. Virou uma coisa complicada. O que é verdade e o que é mentira hoje? Verdade pode ser o que eu diga e mentira pode ser o que eu diga também... O cara vai na televisão, conta uma mentira, as pessoas vão acreditar, se conta uma verdade também vão acreditar. Sei lá, quase ninguém vai procurar checar pra ver se é verdade ou mentira. Claro, tem alguns sites que estão checando as tais *fake news*, o problema é que a mentira virou institucional, é uma instituição, tudo pode ser verdade e tudo pode ser mentira. A meia verdade, a meia mentira também, aí mistura tudo. É difícil. Como vamos descobrir isso? Essas dúvidas foram colocadas, antes nós sabíamos discernir. Está tudo misturado, uma mentira pode ser verdade e uma verdade pode ser uma mentira e o vice-versa ainda. E o jornalismo não tem mais salvação, não tem mesmo, acabou. Vamos ouvir um pouco daquela violeira – a Helena Meirelles? [Fernando ligou no Youtube um documentário sobre a artista sul-matogrossense e prosseguimos com a entrevista].

Aqui em Santa Catarina tem uma pessoa fazendo jornalismo, chama-se Ângela Bastos, essa mulher é incrível. Está no Diário Catarinense, ela consegue sobreviver, ela é a única consistência do DC, faz matérias multimídias, sai com cinegrafista, fotógrafo, grandes matérias, ganhou prêmios nacionais e internacionais. Ela é muito boa, falo isso com certo orgulho, ela é minha amiga no Facebook, não a conheço pessoalmente, mas ela faz matérias exclusivas para o meu Blog [Tainha na Rede]. Maravilha, não é? Puta honra. Ela fez uma excelente matéria para a RBS [atualmente NSC], chamada “Pescadeiras”, matéria do caralho! Falando sobre as mulheres que trabalham com pesca em SC. Matéria maravilhosa. Ela envia matérias com exclusividade pra mim, isso é o que tem sustentado meu blog, eu publico, claro, não tenho retorno nenhum, mas me dá um prestígio legal. Tem uns jornalistas interessantes lá em Curitiba que estão na ativa: Paulo Roberto Marins “Magro”... Mas o jornalismo acabou. Você quer ver, o último colunista que dava pra ler era o

Carlos Damião, do Notícias do Dia, dançou, entrou o Alexandre Garcia no lugar dele. O Luiz Mendes [faleceu em 2023], o cartunista, e o Frank, também rodaram, qualquer um que tinha algum questionamento não está mais lá. Não dá pra acreditar num jornal de caras que fazem isso com as pessoas. Pô, também, jornal do Petrelli e do Bornhausen...

Aproveitando que o cartunista Luiz Mendes foi citado, como era seu trabalho com esses artistas?

Fernando: Eles não recebiam o material das agências. Nós selecionávamos a principal notícia do dia e passávamos para o cartunista, em SC trabalhei muito tempo com o Sérgio Bonson. Chegava no “Bonsa” e dizia, “olha só, hoje é isso”, e ele desempenhava. Porque o *cartoon* na época da ditadura virou quase um editorial, era a opinião do jornal, não dava pra censurar muito, o texto já dava pra ser censurado. Então *cartoon* adquiriu uma importância. E geralmente os caras fazem o que se pede. Hoje tem um pessoal que continua publicando, que tem certa independência, como a Laerte, o Aroeira, e mais alguns. Mas pra sobreviver disso é difícil, rola pouca grana, pessoal desse setor tá “matando cachorro a grito”.

Você acha que o digital venceu o analógico?

Fernando: Sim, acho que venceu.

A extinção das bancas de jornal foi o pior sintoma?

Fernando: Sim, pior sintoma, taí. Não tem jornal impresso, aqui em SC só tem o Notícias do Dia, os caras estão perdendo uma oportunidade de fazer um grande jornal local depois que o DC saiu do ar [a princípio, o Diário Catarinense voltou a ter impressão em 2022]. Estão ocupando esse trabalho mais ou menos, tem uns esquemas com o governo. Tem alguma coisa independente? O que tem? Tem um site Centro da Cidade fazendo matérias, tentando recuperar o centro de Florianópolis. Tem o Riozionho Net que é uma bosta, totalmente alinhado com o governo e com a prefeitura, publicam releases oficiais, podem estar mordendo grana. Esse eu queimo sempre que posso. E tem uma iniciativa ou outra, jornalistas se juntam, tentam fazer algo. Outro caso daqui de Florianópolis é o Floripa Mil Grau que não informa, é chapa branca e vive de publicidade baseada em memes e piadas. E é um humor ruim, o “humorzinho” deles não é bom. E os caras ainda bancam, anunciam, financiam, o que não tem qualidade, critério. Dá um certo desespero [começou a chover]. Chovendo! Que bom! Tá precisando de água, tá tudo muito seco.

Já pensei mesmo em fazer algo no sul da Ilha, tem muitos profissionais bons por aqui, de repente fazer um canal no Youtube etc. É que sou muito dependente químico de gente, sozinho eu

não faço nada, preciso de uma equipe, de um grupo pra fazer algo. O Hieronymous Parth [cineasta alemão que se mudou para Florianópolis e tornou-se um dos melhores amigos do entrevistado] sempre me incentivava pra fazer uma tirinha animada do Professor Delyra e eu resistia. É difícil também realizar tudo isso, além do fato das pessoas terem informação de graça e não pagarem por isso. Pra que pagar pela informação se tem a contrainformação de graça? Também tem os disparos em massa pelo Whatsapp, é como atirar jornais pela janela no celular das pessoas. Confesso que estou perdido e assustado com tudo isso, não estou entendendo muito, é difícil compreender.

Já que falamos do Hieronymous Parth...

Fernando: A morte dele aproximou um monte de gente de mim porque eu fiquei de intermediário avisando, dando notícia, durante o período que ele estava no hospital. Eu virei a “viúva” do Hiero. Pessoal sentiu que perdi um amigo, todo mundo sabia da nossa amizade. Às vezes tenho dúvidas, sempre me pergunto como o Hiero faria em tais situações, ele sempre tinha boas sacadas, soluções, também sempre acendia minha esperança. Inclusive estamos fazendo um verbete sobre ele, suas realizações, ideias, influências, na Wikipédia.

A morte...

Fernando: Eu quero morrer de vida! Esses dias rolou algo muito engraçado, coloquei um anúncio – “preciso de uma cadeira de rodas”. Pintou um cara e disse que me dava. Em poucas horas, a cadeira já estava comigo, meu amigo artista plástico que trouxe. Poxa, é muito legal essa rede de solidariedade, não dá nem pra imaginar que existe. Também fiquei grato pelo pessoal do hospital que me tratou bem quando fui internado, as meninas foram maravilhosas [ficou nove dias na primeira internação, na segunda não resistiu]. Fiz um agradecimento público no Facebook, bem sincero, até me arrepiava porque foi foda.

Depois da primeira vez em Florianópolis, por volta de 1975, 1976, você rumou para São Paulo?

Fernando: Tive uma descompensada brava, dei uma pirada feia, feia, tá?! Até comentei sobre o lance para as Guianas e Belém. Eu não morava direito em lugar nenhum. Cheguei a entrar numa agência pra comprar passagem de avião, o pessoal perguntou pra onde, na hora eu não sabia o que dizer. Mesmo assim, tive um *start*: pra São Paulo, o lugar onde eu tinha mais amigos e fui morar lá.

Onde você conheceu esses amigos de São Paulo?

Fernando: Alguns amigos de infância, do tempo de Maceió, que a gente se cruzava, basicamente

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

essa turma mesmo.

Eram do seu ramo?

Fernando: Não, nada a ver, pessoal da ciência, tinha um químico, também outras pessoas que conhecia lá.

Que fase você estava passando? Devaneio, incerteza, insegurança?

Fernando: Tudo junto, estava me sentindo uma merda, perdido, inseguro, tinha medo de fazer tudo. São Paulo foi o primeiro lugar que me veio à cabeça. Estava em Belém naquela viagem que fiz com meu parceiro.

Mudando de assunto, como você se relaciona com o ato de escrever?

Fernando: Por incrível que pareça, detesto escrever, escrevo, mas não gosto, é uma tortura pra mim. Papel em branco me dá pânico. Ultimamente estou tendo certo prazer, estou gostando de escrever [no computador], mas normalmente eu me forço. Para o cara que vive de palavra, dizer isso é foda. É uma tortura, só que é verdade.

E na máquina de escrever é diferente?

Fernando: É diferente. Jornalismo é outro pique, tem a pressão da redação. É aquele tipo de coisa: eu gosto é de viver. Se eu tiver fazendo um poema [Fernando também é poeta], estiver na metade dele, quebrando a cabeça pra que ele saia legal, vem e chega alguém – “Fernando, vamos tomar uma cerveja?”, largo tudo e vou tomar a cerveja [muitos risos], é claro que é um exemplo extremo.

Não gosta da concentração abstrata?

Fernando: Pode ser. Porque o poema você nunca abandona, deixa ele ali, depois de seis meses vai se lembrar de algo, por isso, deixo caneta e papel aqui do lado, pinta uma ideia qualquer, anoto! Maior parte das anotações vai fora porque não vale porra nenhuma. Tem uma coisa que o Ernest Hemingway disse que é ótima: “escreva bebendo, revise com café”. *Biritando* fica tudo maravilhoso, no dia seguinte, sóbrio, vai para revisão.

Há quanto tempo você escreve poemas?

Fernando: Certa vez me perguntaram desde quando eu escrevia, brinquei e disse: “desde que fui alfabetizado, entende?” [gargalhadas]. Me considero mais pesquisador que escritor. Sei lá, nunca mergulhei no lance de fazer poema, poesia. É uma coisa de brincadeira. Eu gosto de fazer haikai

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

que é aquela coisinha pequena, uma brincadeirinha, é uma coisa rápida. Me cansa o poema longo, o soneto, porque sou preguiçoso pra dizer as coisas e pra ler também. Na realidade, o que faço em poesia é haicai, é o que curto. Inclusive o Rodrigo Garcia Lopes [amigo do entrevistado] pegou um monte de texto meu, coisa antiga, não era poema nem crônica, ele deu uma selecionada, achou coisas interessantes, mostra a diversidade das coisas que, sei lá, talvez eu vá publicar um dia [Rodrigo Garcia organizou um livro com poemas do Fernando Alexandre no ano de 2021]. Brinco também com a ideia do mar-cais, fazendo haicais sobre o mar.

Como pintou a inspiração para o haicai?

Fernando: Millôr Fernandes, depois o Leminski, porque nós éramos amigos também.



Paulo Leminski e Fernando Alexandre. Foto: Autor Desconhecido.

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

Sua amizade com o Paulo Leminski começou na sua primeira morada em Curitiba?

Fernando: Sim, sim. Tempo da faculdade, o Paulo trabalhava como professor no cursinho do Oriovisto Guimarães, que agora virou esse... O “Vito”, como chamávamos ele, também foi meu amigo, era casado com a miss Paraná. O Oriovisto era um cara de esquerda, dono de um cursinho pequenininho e que hoje virou essa loucura que é o Grupo Positivo. O Leminski dava aula de tudo [risos], até de judô, ele era faixa preta.

E como era a amizade com o Leminski?

Fernando: A gente frequentava os mesmos ambientes, sempre com as mesmas pessoas, não sei como o conheci, não lembro. Inclusive, pouco antes de ele morrer, ele disse que tinha escrito algumas coisas novas. A “Última do Leminski” foi: “Vazio agudo, ando meio cheio de tudo” e uma outra: “De colchão em colchão, chego à conclusão: meu lar é o chão”. Ele já estava na lona. Publiquei uma delas numa matéria quando ele faleceu, alguns jornais enfatizaram que ele morreu de cirrose, mas fiz diferente com um trocadilho: “os amigos: do coração”. A matéria foi publicada na Agência Estado (Estadão) e vendida para outros jornais, o “Estadinho” de SC publicou também.

Por falar em dar aulas, você chegou a lecionar?

Fernando: Não, nunca dei aula.

Tem vontade?

Fernando: Não, nunca tive vontade, nunca pensei em dar aula.

Nem em curso de Jornalismo?

Fernando: Não.

O haikai é uma maneira de fugir do jornalismo?

Fernando: Não. O jornalismo é uma coisa pobre de certa maneira, era pouco pra mim, sentia que tinha mais que aquilo ali. Tinha outra coisa pra desenhar além daquilo ali, do fato, do lance de narrar, me sentia pobre. Falei isso uma vez aqui numa entrevista para uns jornalistas, os caras ficaram putos comigo [risadas]. Claro que não iam gostar, três jornalistas na mesa num canal de TV e eu falando mal do ofício, dizendo que era uma coisa pobre e que eu fazia poesia por esse motivo.

Consegue se lembrar daquele haikai inspirado numa frase do Leminski?

Fernando: Ele fala que o haikai precisa conter em três versos os melhores momentos e os piores

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

pedaços, essa é a forma e a fórmula. Aí fiz um haicaizinho:

“melhores momentos
piores pedaços
com tudo isso que faço”

E o haicai por ser mais cirúrgico não é mais difícil que outras formas de poesia?

Fernando: Nunca fiz outra coisa nem tentei pensar e ver como é a estrutura de soneto. Gosto do haicai, aquela coisa da piada, a leitura rápida, você precisa sacar o momento, é o *pá pum!* É a analogia com a foto da Polaroid [tipo de câmera que revela fotos instantâneas], você fotografa e revela a foto na hora, é mais ou menos assim o haicai.

A poesia...

Fernando: Na época que vim morar em Florianópolis, no bairro Saquinho, a minha pretensão era só fazer poesia. Ficava uns 60 dias completamente isolado. Fazia compras no mercado, alugava um cavalo do Quirino para levar o que comprava. Comprávamos muitas coisas, cereais em Curitiba porque era mais barato. Tivemos uma horta lá também, a única da minha vida, plantando coisas que davam mais rápido (couve, rabanete, alface). Até fiz um haicai em cima dessa história:

“Tudo que sonhei
Tudo que plantei
Tudo que nunca couve”

A Andrea Ramos [ex-companheira] até fez uma camiseta com esse haicai e um cartãozinho postal impresso com isso.

E seu objetivo era viver de poesia?

Fernando: É, aí é que tá, você vai inventando outra coisa pra sobreviver e acaba não fazendo poesia. Mesmo assim, eu pensava que não podia ter desculpa pra não escrever poesia, uma casa legal, num lugar lindo, tempo livre, vou ser obrigado a fazer. Mas não fiz [rindo]. Fazia sim, tem muita coisa que fiz no Saquinho só que não sistematicamente. Foi todo um rearranjo morar lá também que era outra história, outro aprendizado de vida, fazer os dicionários [do Surf e da Ilha], também dei aula lá.

Vocês criaram uma editora?

Fernando: Sim, a Cobra Coralina. A história da criação foi curiosa. Estávamos lendo um livro da Cora Coralina, eu e a Andrea, lá no Saquinho, de repente apareceu uma cobra coral na varanda. Foi

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

assim que pintou o nome, juntamos a coisa e fizemos o trocadilho. A princípio a editora ia publicar só livros de poesias.

Chegou a pescar no Saquinho?

Fernando: Não, sempre fui preguiçoso pra isso, nunca pesquei, tinha medo do mar.

Tinha dito que nunca tinha dado aula...

Fernando: Não, lembrei agora, dei aula lá para analfabetos, fui estudar Paulo Freire antes para poder lecionar, turma de uns quatro alunos. Ia o Saquinho inteiro lá em casa, era inverno, tinha uma “farmácia” boa de cachaça, cheguei a ter mais de 50 garrafas, curtidas com ervas também. Quem não estava estudando, ficava bebendo, esperando a aula terminar, os quatro que estavam na sala não viam a hora pra poder tomar pinga. Tinha o Quirino, dono de um restaurante de lá, turma da comunidade mesmo.

A poesia é só distração?

Fernando: Tudo é distração, tudo tem que ser distração. Sei lá, é que quando *pá*, fecha aquela coisa, puta que pariu, dá uma sensação muito boa daí, entende? Só que esse barato só se completa se tem uma pessoa pra ler, a poesia não existe sem isso, se você não mostrar para as pessoas, ela não provoca nada. Se você consegue provocar alguma emoção noutra pessoa, essa é a coisa mais interessante, provocar alguma emoção. O cara pode gostar, não gostar, é isso que deixa a gente vivo, provocar algo nas pessoas pra qualquer lado que seja.

É antídoto contra o tédio?

Fernando: Sei lá, não sou a pessoa mais indicada pra responder. Não sei dizer. Talvez seja uma necessidade, eu me cobro, eu preciso fazer poesia de vez em quando pelo menos. Aí fico meses sem fazer nada. Só que pra começar a fazer poesia, tenho que começar a ler poesia de novo, pego outros poetas, leio aqui, ali, assim a coisa vai pegando.

O que você costuma ler?

Fernando: De poesia?

De tudo...

Fernando: Muito pouco, sou muito preguiçoso, não leio quase nada, preguiça mesmo. 80% desses livros da estante, eu não li. Dei uma folheada, fiz leitura meio dinâmica, dá pra dizer que li, mas eu

não li. Pra falar verdade, nos últimos dez anos, acho que consegui ler um livro inteiro, o do Rodrigo sobre o Leminski [Roteiro Literário — Paulo Leminski]. Peguei e li num dia e meio, não me tirou o foco, fiquei ali, estava interessantíssimo. Sou preguiçoso, leio pouca coisa. Até leio, mas não faço aquela leitura convencional de pegar um romance e ler inteiro do início ao fim. Brinco com o Rodrigo que sou um leitor privilegiado dele, li um romance policial (dessa grossura) dele de 400 páginas [O Trovador], eu li inteiro, talvez porque estive envolvido no processo, ele vinha me mostrar trechos, a gente discutia, eu tinha curiosidade de ver a coisa pronta.

Lia os trabalhos do Leminski?

Fernando: Ah, a gente bebia junto, quando se cruzava. Ele me chamava de Delyra. Fazia uma coluna no O Estado do Paraná, jornal grande, standard, oito colunas. Era a coluna do Fernando, chamava assim, era uma brincadeira – não tinham notas, tinham vértebras, e sempre terminava no cóccix. Vértebra primeira, tinha uma notinha, vértebra segunda, outra... E a coluna do fechamento sempre era o cóccix.

E o que foi o Delyra?

Fernando: Se chamava Coluna do Fernando, mas eu assinava como Delyra. Era um pseudônimo, um personagem. Só que a coisa se misturava, uma hora não sabia se eu era o Delyra verdadeiro ou o Fernando que era o personagem.

Você criou o personagem em Curitiba?

Fernando: Não, foi em São Paulo para o jornal do Lira Paulistana, surgiu numa edição entre o Natal e o Ano Novo, não tínhamos uma matéria de capa, sempre tinha uma reportagem, aquele vazio na redação. Por que não fazer previsões? Os jornais antigos tinham esse lance de previsão do que ia acontecer no ano seguinte, ainda fazem até hoje, chamando especialistas da área pra dizer o que vai rolar. Só que na postura da gente, nós inventamos o Professor Delyra.

É um astrólogo?

Fernando: Sim. Ele prevê o passado e sente saudades do futuro, se considera óbvio e ululante, cada vez mais óbvio que ululante. Aí foi surgindo o personagem, fizemos as previsões coletivamente para a materinha do Lira, escrevemos juntos na redação. Por exemplo: que o Lula ia usar brinquinho, bobagens assim. Depois voltei pra Curitiba e comecei a usar o Delyra lá, fazendo previsões nos jornais.

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

Era num tom sarcástico?

Fernando: Totalmente.



Fernando Alexandre como Professor Delyra e Eduardo Suplicy. Foto: Autor Desconhecido.

Qualquer pessoa compreendia?

Fernando: Sim, claro, era brincadeira. Depois eu fiz o Delyra na TV Record de São Paulo.

Na Record você aparecia?

Fernando: Sim, aparecia, fazia quatro entradas ao vivo num programa à tarde, chamado Domingo Paulista, era o Cacá Rosset, um ator, e a Glória, uma amiga minha. Os dois apresentavam um programa de umas três horas ao vivo. Nessa época morava em Curitiba, ia toda semana pra São Paulo fazer o quadro, não ganhava um tostão pra fazer isso [gargalhadas]. Pegava um ônibus, fazia um roteirinho das previsões durante a viagem, dormia um pouco, encontrava os amigos, ia pra TV, fazia o programa ao vivo, ficava mais uns dias e depois voltava. Eu me bancava, cheguei a fazer

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

uma meia dúzia de programas, depois não deu mais. Junto com Hiero, ele tinha um fundo infinito em casa, gravamos alguns programas e depois mandamos pra Record, só que o bacana era ao vivo porque sempre tinha o “gancho” em cima do que o apresentador estava falando. E a coisa ao vivo é outro papo.

E qual era o tipo de enfoque?

Fernando: Coisas absurdas, completamente debochadas, o Delyra trabalhava com o absurdo. Uns amigos até me pediram pra voltar a fazer o Delyra, mas eu brinco dizendo que hoje ele não tem espaço, já que o absurdo virou institucional.

Pode falar mais sobre o Delyra?

Fernando: Ele tinha um perfil interessante. Fez curso de Ciências Ocultas no Paraguai, foi Papai Noel em Israel, fez horóscopo no jornal russo Pravda [gargalhadas]. Em Curitiba, fiz uns cinco anos de Delyra pra alguns jornais, todo ano tinha, matérias de página inteira. Usava bastante a política, fazendo crítica, abordando temas da sociedade. Com o Kito Pereira, percussionista (ele toca tabla) e um excelente cartunista, fizemos uma exposição com o personagem em figurinha e com todos os cartuns. A exposição aconteceu no Camarim, o boteco da moda em Curitiba, atrás do Teatro Guaíra. O Delyra ficava lendo mão, pé, tinha uma tabela de preços, depois das três da manhã custava tanto, fazia previsão orçamentária. Chegou uma hora que fiquei na dúvida se eu era o Fernando ou o Delyra, entende? Eu era muito mais Delyra...

Você prefere delirar?

Fernando: Sim, toda vida, sempre!

O Delyra vai voltar?

Fernando: É difícil, quase impossível, fazer humor de absurdo com tudo que tá aí! Complicado concorrer com o Bolsonaro e seus miquinhos amestrados [rindo bastante].

Depois do retorno do Pará, você quis continuar trabalhando como jornalista em São Paulo?

Fernando: Sim, fiquei na casa de uns amigos lá, só que naquela altura eu não tinha condição nenhuma de fazer nada, mas tinha que trabalhar. Fiz alguns *freelas* pra editora Abril, tinha alguns amigos que trabalhavam na grande imprensa. Estava tão pirado que eu não tinha condição de trabalhar, uma dificuldade imensa, mas precisava e conseguia. Comecei a fazer terapia com um cara da moda, o Paulo Galdencio, ele tinha um programa na TV Cultura, escrevia na revista Pop da

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

Abril. Fiquei um ano fazendo terapia em grupo, dei uma melhorada na minha historinha geral, trabalhando o tempo todo.

O que te derrubou? O jornalismo ou a vida?

Fernando: Acho que foi a vida. Não dá pra dividir muito o jornalismo da vida, minha vida era tudo isso, tudo junto.

Chegou a ter depressão?

Fernando: Eu nunca tive, nunca fui uma pessoa deprimida, depressão é o nada dentro do nada. Ultimamente tenho tido uma fase bem deprê, mas segue o baile...

A vida é um jornal ou uma novela?

Fernando: Sei lá, como é que eu vou saber?

Substâncias?

Fernando: Sempre fui muito careta com drogas, por incrível que pareça. Minhas drogas são álcool e maconha. Sou asmático, com cigarro também não dá, fumei muito, mas parei. Nunca tomei ácido, sempre tive medo dos chamados alucinógenos, até hoje tenho. E cocaína é a droga do sistema, aquela coisa de produzir, fazer, você vira super-herói, é duro.

Quer falar mais da situação que passou?

Fernando: Teve a história da Colônia Santana que comentei ontem, isso me abalou bastante, lá vi que sou vulnerável, jamais imaginei que eu podia pirar, entende? Bem, o que é pirar? Você começa a questionar, porque no fundo é um comportamento diferente do padrão, é só isso. Mesmo assim, isso me começou a fazer mal, não me sentia bem, não conseguia fazer nada, uns amigos de São Paulo até vieram pra me dar uma força, ver como eu estava. Foi nesse momento que fui pra Belém, parti pra São Paulo, fiquei um pouco melhor, vazei de novo pra Curitiba, isso por volta de 1977. Curitiba sempre foi o meu porto-seguro, tinha um monte de amigo e de trabalho. Continuei como jornalista, trabalhei na TV Iguaçu.

Qual o motivo de voltar para São Paulo? Seguiu a corrente?

Fernando: É! Aí que tá! Não, não! Teve uma mulher na parada, uma paixão. Uma coisa complicada, um triângulo, ela estava fazendo pós-graduação na USP, alguma coisa assim. Estava cansado de Curitiba, acabei indo de novo a São Paulo pra ficar com ela. Cada um tinha seu espaço e

nos víamos sempre. Foi uma grande paixão. Depois voltei pra Curitiba, continuamos nos encontrando, mas foi um lance complicado, triângulo, ela era casada, casadinha, o marido psiquiatra. Um quadro que você não acredita. Somos amigos hoje em dia aqui, a gente não se vê, mas nos gostamos muito.

As mulheres te influenciam?

Fernando: Completamente, totalmente. Eu sou um escravo nas mãos delas [sorriso franco].

Foi nesse período que você foi para a Gazeta de Pinheiros?

Fernando: Cronologia é difícil pra mim, mas tudo bem. Teve a greve de jornalistas de São Paulo, eu participei ativamente. Pintou um listão dos grevistas, eu fui demitido do Shop News. Não tinha emprego pra mim em São Paulo, fui incluído numa lista com umas 200 pessoas que estavam mais na linha de frente da greve. Ficar em São Paulo é tudo caro, consegui sobreviver fazendo *freelance* para sucursal do O Globo do Rio de Janeiro, o boicote não funcionava lá, o pessoal acolhia a gente. Depois a correspondente do O Globo de Curitiba, a Elzinha, se acidentou de carro, ia ficar dois meses fora do ar, o pessoal dessa sucursal entrou em contato comigo: “Fernandão, caiu na tua mão, você já morou em Curitiba, conhece bem lá, baixa sua bola em São Paulo, some por dois meses e fica na sucursal de Curitiba como correspondente”. Perfeito! Peguei o ônibus cedinho, cheguei em Curitiba na casa do Pitu, um amigo de infância, a gente se vê até hoje, fomos jogar bola numa festa (nunca fui de jogar futebol). Aí quebrei uma perna numa bola dividida com o Luiz Alberto Amaral Manfredini (dirigente do “partidão”), o “Manfra”, escritor, lançou uma biografia do Wilson Bueno. Comunista de carteirinha, continua até hoje, eu brincava – “Pô, Manfra, não sabia que comunista tinha a canela mais dura do que a cabeça”. Fraturei a tibia, estava desempregado, fora de casa, dois meses e meio de gesso até a cintura, fratura difícil. Fiquei na casa dos amigos sem fazer nada, as pessoas cuidando de mim, fazendo revezamento na casa de um, de outro, pra não cansar tanto a turma, numa boa, seguraram a barra. No fundo, foi ótimo, ia nos botecos, enchia a cara porque sempre tinha alguém pra me carregar. Chegando nos bares, o pessoal já dizia – “Fernandão chegou!”, no bar Capela, a Mara já trazia uma almofadinha pra eu me acomodar. Depois voltei pra São Paulo quando melhorei com a perna, só estava usando uma bota de gesso, lá os amigos já tinham armado um emprego na Gazeta de Pinheiros, eles me recomendaram, pô, assumi a direção geral, jornal de peso, ótimo salário... Ali conheci o Lira.

Como foi? Você passou na frente do teatro?

Fernando: Não! Como fazia o jornal do bairro, sabia que iam inaugurar um novo espaço. E o Lira ficava entre a minha casa e a redação do jornal, passava todo dia por ali, via a movimentação, me interessei, conheci o Gordo [Wilson Souto Junior], conversamos. Aí o Lira inaugurou, podia ter pedido pra algum repórter fazer a matéria, no entanto, fiz questão de ir lá e fazer, não sei o porquê... Fizemos um caderno especial dando a maior força, a ênfase no 1º teatro do bairro. Continuei no jornal e todo dia passava no Lira, conversava com o pessoal, com o Gordo, o Chiriba, tomava uma cerveja. O Riba ainda não estava nessa época, só o Gordo e o Valdir, um administrador de empresas que ajudou a criar o Lira, estava perdido também, procurando alguma coisa pra fazer, ele ficou uns três meses e depois pulou fora. O Gordo conta que eu cheguei e falei: “demitir o meu patrão”, saí da Gazeta de Pinheiros pra ficar no Lira, consegui uma grana de acerto, eles que me demitiram. Na verdade, de certa maneira provoquei a demissão. Lembrando bem, o trabalho de dirigir a Gazeta de Pinheiros exigia bastante, difícil de administrar, tinha quatro pessoas na redação, já comentei algo, mas vamos lá. A Gazeta de Pinheiros era posse do português que tinha sido comunista, deputado, no fundo, ele gostava de pescar no Mato Grosso, estava de “saco” cheio do jornal. Ele tinha três filhos problemáticos que se metiam na linha editorial, a Carmen, esposa dele, virou feminista radical, assumiu o caderno feminino, espaço onde eles faturavam porque era comercial, ela assumiu uma linha militante. Imagina? Eu tinha que segurar a mulher do patrão, os filhos, o português dizia que como editor devia administrar aquela loucura toda. E o português me demitiu. Tinha eu e outro cara, o Valter Contreira que era meu subeditor, ele que segurava o tranco junto comigo. Um dia o português chegou e disse que ia demitir o Valter. Ele estava há oito anos no jornal, conhecia o bairro todo, mas o dono do jornal alegou que ia demiti-lo porque ele estava muito caro pra empresa. Fiquei puto – “vai tirar meu braço direito?”. Cheguei na redação, contei o que estava acontecendo pra fazermos um movimento pela permanência do Valter. No fim, eu que fui demitido, o Valter assumiu meu lugar provisoriamente, em seguida também foi demitido. Assim fui definitivamente para o Lira...

Como foi o processo de gestação do jornal do Lira?

Fernando: O jornal veio bem depois, já tinha consolidado o espaço musical e teatral. O jornal foi um ano depois de eu sair da Gazeta de Pinheiros, fiquei um ano trabalhando nele.

Ao ir para o Lira Paulistana, havia planos para criar um jornal?

Fernando: Sim, tinha uma ideia. Sentia que São Paulo não tinha um jornal de roteiros, de artes, era ditadura ainda, tinha o Caderno 2 do Estadão, a Ilustrada da Folha de S. Paulo, mas era só o oficial: os teatrões. E nós sabíamos que a cidade pulsava, tinha outra cena, mil outras coisas acontecendo,

só que nada disso tinha espaço. O jornal do Lira veio pra ser esse espaço para todas essas coisas invisíveis da cidade – um monte de gente produzindo que ninguém nem sabia da existência. A ideia do jornal foi basicamente essa, semanal, de roteiros, de todas as áreas da cultura, eventos, teatro, cinema, roteiros completos, entende? Inclusive nós dizíamos qual ônibus pegar pra chegar ao evento, informava tudo de graça. Esse tipo de divulgação não existia. Talvez o jornal foi mais ou menos revolucionário por isso. Eu não tinha tudo definido na cabeça, foi sendo feito aos poucos.

Ficou definitivamente lá? Você recebia um salário?

Fernando: Fiquei. Como eu tinha um fundo de garantia legal da Gazeta de Pinheiros, permaneci no Lira um ano sem nenhum tostão, aliás, o Lira nunca tinha grana. Eu não sobrevivia do Lira, eu tinha essa grana que decidi investir em mim, nesse projeto.

E o levantamento dos roteiros da cidade de São Paulo?

Fernando: Nós ficamos um ano mapeando a cidade, conhecendo, não tinha computador, tudo feito em caixinhas de madeira com arquivos de papel, os tais fichários. Íamos catando informação, endereço, telefone, uma radiografia da cidade. Principalmente o paralelo da cidade – cineclubes, casa de shows, restaurantes, teatros, grupos de teatro, livros, espetáculos para crianças, literatura adulta/infantil, exposições, um monte de coisa que ninguém sabia. Tudo difícil de ser feito, ficamos em umas três pessoas fazendo essa busca. O jornal cobria praticamente tudo! Sempre tinha, além dos roteiros com tudo que acontecia na cidade, tentava dar tudo, tinha uma matéria em cada editoria com uma crítica. Por exemplo, aquilo que estava sendo lançado, fosse peça de teatro, disco de música, uma pessoa escrevia uma crítica de umas vinte, trinta linhas, coisa pequena, com teor crítico.

Como foi a agregação dos colaboradores do jornal do Lira Paulistana?

Fernando: Foi agregando gente em função da ideia porque o Lira não tinha dinheiro, todo mundo sabia disso. Até que a gente chegou num impasse de como financiar, íamos tocar o jornal, só não sabíamos direito como. Fizemos uma pesquisa dentro do teatro, durante esse período que reunimos informações sobre a cidade, em todo espetáculo tinha umas perguntas. Uma coisa simples, um papelão descartável, um pedacinho de lápis, direcionado para os frequentadores do teatro. Quem respondesse essa pesquisa, no fim do espetáculo, concorria a um disco gravado no próprio Lira. Dessa forma, fizemos um cadastro dos frequentadores e a ideia do jornal era ter uma rede de assinantes direcionada primeiramente para esse público. Não queríamos jogar o jornal na banca, por ser novo era difícil as pessoas pegarem, escolherem, mesmo com o peso bom do nome do Lira. Não

rolou, a gente não conseguiu. O jornal praticamente pronto, não chegamos a fazer o nº 0, daí adiante fomos agregando gente. Veio um pessoal ligado ao teatro, à música, ao jornalismo, Maurício Kubrusly, Caco Barcellos, Caio Fernando Abreu, Maria Rita Kehl, todo esse pessoal. O Lira tinha crédito, essa turma colaborava porque achava o jornal simpático, pessoal queria escrever ali, todos tinham emprego, trabalhavam na grande imprensa etc.

Como vocês arrumaram o dinheiro pra rodar o jornal?

Fernando: Tinha um amigo, o Johnny Amaral, casado com a Solange, eles até moraram na mesma “república” que eu, e ela era fazendeira, acho que em Barretos. Eles casaram, uma semana depois, o pai da Solange se matou, o Johnny precisou assumir as fazendas, não entendia nada disso, e ficou rico de repente. Ele ficava morando em Barretos, acabava indo sempre a São Paulo, nós saíamos, íamos comer feijoada, sei lá, a gente se cruzava. Ia ele, eu e o Enimar Simões, outro amigo, jornalista, fez cinema uma época, *tá* em São Paulo. Comentamos sobre o projeto, o Enimar também estava nessa, foi assim que o Johnny comentou: “quanto vocês precisam de grana pra fazer o jornal circular na rua?” Calculamos e ele nos deu a grana pra pagar em um ano sem juros e sem correção monetária, o Lira no caso. Aí botamos o jornal na rua.

Quantos exemplares?

Fernando: Ah, nós fomos completamente loucos. Saímos com 30 mil exemplares, jornal tabloide, já menor só que com 32 páginas. Só de gráfica ia quase todo o dinheiro. A grana que ele emprestou dava pra pagar quatro edições, um mês de jornal. Ao mesmo tempo, nós tínhamos montado um departamento comercial com o pessoal tentando vender anúncios para o jornal. Aí o Jura, o Jurandir que era o nosso diretor comercial, caiu com meio quilo de cocaína, esfacelou a história, tivemos que batalhar pra tirar ele da “cana”. Íamos às agências de publicidade pra vender o jornal, procurando anunciantes grandes também, principalmente, coisa institucional que dava prestígio pra eles também o fato de estar no Lira. Fomos na Thompson, que era agência da UsTop (moda jovem, jeans) e eles disseram: “olha, o jornal não interessa pra nós, interessa o teatro e shows em praça pública, vocês produzem?” [batendo com as mãos na mesa]. A gente começou a fazer show na praça Benedito Calixto pra levantar grana para o jornal, fazíamos shows com esse objetivo. Só que começou a virar uma loucura, viramos uma produtora, fazendo shows grandes. O jornal não segurou, seguramos por três meses, eu surtei de novo, uma pressão muito grande, me deram umas férias, ajudaram com uma graninha, vim pra Florianópolis, ninguém me aguentava mais. Passei uma semana sem fazer porra nenhuma, eles fecharam a edição do jornal, voltei, a equipe estava desgastada, todo mundo trabalhava, ninguém tinha grana pra nada, táxi etc. Era meio que uma

cooperativa que não chegou a ser formalizada. A ideia original era ser uma cooperativa em torno do jornal.

Além do jornal, o que vocês produziam mais?

Fernando: Tinha uma gráfica também. No começo, nós pagávamos pra fazer filipetas. Depois compramos uma Ricoh de mesa, uma máquina de um tinteiro só, fazia uma cor apenas, gravava/sensibilizava uma chapa e fazia impressão nela, A4 no máximo. Compramos essa maquininha de um cursinho, foi quando o Riba de Castro veio para o Lira, ele trabalhava lá, acho que mexia com publicidade. Junto com a Ricoh veio o Chico, um nordestino que fazia filosofia na USP e cuidava da iluminação do Lira, não era sócio, foi fazer a inauguração do espaço. Aliás, ninguém sabia que o Lira ia se direcionar para a música também, a peça que inaugurou foi “Fogo Paulista”, um musical dirigido pelo Mario Masetti (que é um diretor consagrado) com elenco cooperativado. A partir daí, ficou ocioso o espaço porque o espetáculo de teatro ia só de quarta a domingo, aí apareceu um pessoal querendo fazer música, um projeto intitulado “Vozes e Violas”. Foi pra suprir as filipetas, o que chamam hoje de *flyer*, que nós compramos essa máquina, começamos a fazer milagres nela. O Chico era cego de um olho, fazia jornada dupla, trabalhava num período e ia de noite lá operar a máquina, fazia milagre nela, ele conhecia tudo dela, maquininha bem precária. O primeiro livro do Glauco, o cartunista, foi impresso nessa máquina, o Chico conseguiu fazer três cores nela, três impressões (tenho ele aqui). Foi impresso lá, só acabamento e grampos que nós fizemos fora porque não tínhamos uma gráfica montada. Também prestávamos serviço pra fora, filipeta para outros artistas que iam se apresentar em outros espaços.

Onde vocês imprimiam o jornal?

Fernando: Pagávamos! Processo industrial mesmo, no Diário Comércio e Indústria (DCI), onde rodava o Shop News, eles tinham um imenso parque gráfico. Na maquininha do Lira não tinha como fazer o jornal.

Conseguiram pagar o empréstimo que rodou o jornal?

Fernando: Nós conseguimos devolver o dinheiro para o Johnny, pagamos certinho, tudo parcelado, mesmo assim foi tudo pago.

O jornal Lira Paulistana deu lucro?

Fernando: Só prejuízo, bicho! Lucro? Imagina... A gente não conseguia anúncios grandes, entende? Acharmos que ia ser fácil conseguir grana da UsTop, de bancos, de coisas desse tipo. E

quem consumia o jornal, pessoal mais alternativo, não tinha grana. A gente tinha uns classificados, uns troca-troca, troco isso por não sei o que, a gente tentou fazer isso de prestação de serviços, tinha uns classificadosinhos bem baratinhos. Por exemplo, o cara queria trocar ou vender um violão, sei lá.

Na grande imprensa não tinha isso?

Fernando: Não tinha, a gente tentou inovar por aí também, todo mundo podia ter acesso à coisa ali.

A distribuição era complicada?

Fernando: Distribuição de jornal é foda, muito complicada, eu sabia um pouco, mas não sabia tanto. A gente ia rodar o jornal, eu tinha uma Brasília vermelha, a “Brasa”, levava ele pra rodar lá no DCI, que ficava na Mooca. A edição ia datilografada em lauda, diagramada, fechada já. Lá eles montavam no *paste-up* que é a montagem da página, letrinhas e tal, toda a composição, antes de ser fotolitada, coisa que a linotipo fazia antes. Hoje é bem mais moderno, tem um papel fotográfico, datilografa no computador, tira tudo aquilo e monta a página, conforme o diagrama que o diagramador fez, vão os títulos, tudo montado e aquilo é fotolitado depois, que vira uma chapa e uma matriz pra imprimir, tá? O *paste-up* era ótimo, a gente ficava vendo ele, dando aquela última revisada, vinha a parte mais deliciosa: nós pichávamos o jornal, uma coisa com a cara de São Paulo por causa das pichações nas ruas. A gente pichava o jornal inteiro, com uma caneta escrevia bobagens. No livro do Riba de Castro, eu conto essa história. Pichávamos coisas absurdas no próprio jornal da gente, fazia isso nas margens que tinha um espaço, na mancha, até o pedaço de fora que dava pra escrever, forçava a barra mesmo. Era a coisa mais divertida, todo mundo louco, três da manhã, cansados. Geralmente eu ia com mais alguém, o Zé Antônio ou o Claudinho Favieri. Sempre todo mundo duro, ninguém tinha um puta tostão, ficávamos lá esperando o jornal rodar, colocava tudo na Brasília e voltava com tudo. Isso depois da primeira semana, antes nós jogamos o jornal na mão do Fernando Chinaglia, que era a maior distribuidora do país, uma semana depois descobrimos que nada tinha sido distribuído, voltaram com um encalhe pra nós. Imagine, ficamos com uma sala cheia de jornais. Checamos as bancas, ninguém conhecia, ficou encalhado. E pra chegar com um produto novo, ganhar espaço numa banca de revista era extremamente difícil. A estratégia nossa foi furada, melhor, a ideia tinha sido focar nas assinaturas com o público do Lira, baseando-se naquela pesquisa, mas não deu tempo de fazer tudo. A ideia de criar fidelidade com os leitores seria a melhor jogada, mas não rolou, o jornal estava pronto, precisava circular, tinha prazo, foi aquele atropelamento. Puta! Rolou uma semana de respiro, ninguém aguentava mais, tiramos umas férias coletivas, depois voltamos, seguramos mais dois números, mesmo assim, ninguém mais

tinha fôlego. A coisa toda foi degradingolando, não deu pra segurar.

Tem alguma edição para comentar?

Fernando: Ah, tem edições históricas, por exemplo, a edição sobre a Elis Regina foi legal. O jornal estava praticamente pronto, era levado pra rodar na quarta, ela faleceu na segunda ou terça, sempre íamos fechando ele a partir do domingo. Com a notícia do falecimento dela, pensamos, “poxa, temos que fazer uma nova edição”, não tinha sentido lançá-la sem esse fato. A maior parte da edição foi mantida, mudamos o editorial que foi só sobre a morte da Elis. A edição contou com um texto do Caio Fernando Abreu falando sobre a Elis (ele morava em São Paulo nesse período) e com outro do Maurício Kubrusly a partir da última entrevista que ele fez com ela. A gente recheou o jornal, a edição ficou ótima. Fechando a edição, não tínhamos foto pra capa, a imprensa inteira só na baixaria – morreu disso, daquilo, drogas – foi assim que enveredamos por outro caminho, pegamos o outro lado. Conseguimos comprar de uma agência uma foto maravilhosa dela, a Elis com um lindo sorriso, faltava só o título da capa, geralmente responsabilidade do editor, mas a gente fazia no coletivo. Todo mundo pensando, sem chegar no ponto pra finalizar, aquela linda foto em toda a página, eu *tava* lá dentro, a gente fechando a matéria, e finalmente veio a frase: “Elis Regina: 48 discos em 36 anos”, algo por aí, coloquei um ponto e disse: “Valeu, Elis!”, pá! [batendo com as mãos]. Foi pra capa. Aí foi pra capa: “Valeu, Elis!” A família ficou emocionadíssima, os irmãos dela foram agradecer exatamente por causa dessa postura que nós tivemos porque todo mundo estava naquele sensacionalismo barato. Na semana seguinte, fizemos o 1º show na praça pra lançar o jornal e pagar ele. Foi um show com o Premeditando o Breque, a Tetê Espíndola, o Jorge Mautner e o Grupo Rumo (vizinho da gente, ensaiava do lado do Lira num sobrado, o Luiz Tatit até brincava dizendo que tocar lá era a coisa mais fácil: só precisava descer com os instrumentos musicais). Foi o 1º show, junto com a Ustop, na praça Benedito Calixto (que não era usada pra cultura, pra nada). Era pra lançar o jornal entre aspas, ele já tinha sido lançado, foi pra pagar os custos mesmo, levantar grana. Tem um vídeo muito bom desse evento que foi filmado pelo pessoal do Olhar Eletrônico [do Fernando Meirelles e do Marcelo Machado], a sede funcionava na praça, nós sempre trocávamos figurinhas o tempo todo. Muita coisa que foi parar no filme do Riba [Lira Paulistana e a Vanguarda Paulista] era conteúdo do Olhar Eletrônico porque ninguém documentava nada, foto mesmo uma raridade, tem poucas.

Como foi a produção de vinis no Lira?

Fernando: Começou produzindo discos. Vamos voltar. Eu era editor da Gazeta de Pinheiros na época, teve uma feira de arte na Vila Madalena, a primeira, coordenada pelo Guillermo, agitador

cultural, (era marido da cantora Alzira Espíndola). Na feira, tinha um concurso de música, um palco grande, fizeram um acordo com a Continental [gravadora], os cinco vencedores iam gravar um disco juntos. Além do disco, os três primeiros faziam uma temporada no Lira, um acordo que fizemos pra ocupar o teatro. Eu estava como um dos jurados, junto com o Gordo, Alaíde Costa, Vladimir Soares. Foi quando o Itamar Assumpção entrou na história, o pessoal se apaixonou por ele, ninguém tinha grana, o Chico Pardal, o Gordo e o Plínio Chaves (engenheiro formado no ITA, trabalhava na Engevix, ganhava grana pra caralho como programador de computação, meio “geninho”, o único que tinha emprego fixo) fizeram uma vaquinha pra gravar um disco do Itamar, o Beleléu, o 1º [Chuva suave em Florianópolis].

Esse álbum do Itamar Assumpção foi gravado num estúdio externo?

Fernando: Sim, estúdio locado, tinha que ser. Entrou o Sergio Turcão, do Tarancón (quando descobriram a música latino-americana no país, fez um grande sucesso, gravou vários discos), a esposa do Gordo fez vocais. Foi a primeira coisa gravada a partir do Lira. Entrei no Lira um pouco depois do lançamento do disco do Itamar. O 2º disco lançado foi do Tiago Arararipe, já com o selo Lira Paulistana, aí pintou a produção toda, gravamos acho que 34, 35 vinis, e alguns compactos.

E as capas dos discos?

Fernando: A impressão das capas era feita fora. Teve um compacto do Premê – de um lado foi gravado “Eu quero pinga no limão” [Fernando canta um trecho] e do outro lado a música Lencinho, que concorria num de um festival da TV Globo. Lançamos o compacto pra ver se pegava porque estava tocando na Globo. Foi feito um encarte (não existia isso pra compacto) com estorinhas em quadrinhos das letras das duas músicas, feitas pelo cartunista Glauco Villas Boas. A gente brincava que foi o 1º compacto do Brasil com encarte. Mas tudo feito fora do Lira e muito caro.

As gravações também?

Fernando: Sim, principalmente de madrugada porque os valores de estúdios eram mais baratos.

E os releases?

Fernando: Sempre existiram, a grande imprensa precisava saber dos lançamentos do Lira. Duas vezes por semana, sob minha responsabilidade, eu que montei essa estrutura, produzíamos releases. Se estava saindo um disco, o release ia para os críticos musicais, os editores dos segundos cadernos recebiam também. Tudo pra noticiar o teatro. Nós tínhamos uma postura bem legal na divulgação, sabe como artista é foda, o cara chegava “vai sair minha foto na Folha de SP?”, eu dizia: “não sei”.

A partir disso, a coisa se invertia, além de enviar o material básico, dizia para o artista se ele queria mesmo uma foto na grande imprensa pra ele ir lá e falar com fulano na redação, o cara que decidia isso. A gente ensinava o artista a lidar com a imprensa, incentivava a meter a cara também, achava isso legal. Os artistas achavam que iam se tornar estrelas se apresentando no Lira e que no dia seguinte viria uma gravadora grande para contratá-los.

Mas isso chegou a acontecer?

Fernando: Sim, com o *Ultraje a Rigor*, o Peninha Schmidt contratou o grupo dentro do Lira para a Warner. Acho que inclusive foi ele que viabilizou o livro do Riba, ele estava trabalhando na Natura.

E como funcionava a gravação ao vivo?

Fernando: Quando a grana começou a ficar cada vez mais curta, pegava um equipamento pra captar o áudio ao vivo, gravava o show durante um, dois, três dias e depois montava o vinil. Tom Zé gravou um disco ao vivo lá. Mas não era produção nossa, equipamento locado. Por exemplo, o 1º disco da Cida Moreyra foi gravado no Lira, depois saiu pelo selo da gente. O Tico Terpins, do Joelho de Porco, tinha muita grana, família tradicional de judeus, e possuía um excelente estúdio de gravação – o Áudio Patrulha, junto com o Zé Rodrix. Alguns discos do selo Lira foram gravados lá, Tico era nosso amigo, fazia um preço legal e gravava tudo de madrugada. Gravar ao vivo foi o macete quando não se tinha dinheiro. Gravamos um compacto do *Língua de Trapo*, chamado *Sem Indiretas* por causa das *Diretas Já* [campanha pela redemocratização]. Fizemos uma jogada, estávamos sem grana, realizamos uma semana de shows do *Língua de Trapo*, que sempre lotavam, gravamos o compacto, dois meses depois lançamos o compacto incluindo no preço um ingresso de entrada para outro show deles, lotamos de novo o teatro.

Dá pra falar sobre a acústica do teatro?

Fernando: Não sei, lugar pequeno, um porão. Era apertado, desconfortável, arquibancada de madeira, depois a Ustop deu umas almofadas pra colocar nos bancos e deram um neon super bonito pra colocar na porta com o nome do Lira, e claro, a assinatura deles. Esse namoro com a Ustop rendeu coisas interessantes e grandes, foi uma época legal, eles bancaram algumas coisas.

O público delirava no teatro?

Fernando: Delirava!

E os eventos na Benedito Calixto?

Fernando: Como disse anteriormente, o 1º foi para pagar o jornal que tinha a Elis na capa. Depois começou a rolar, a Ustop bancou alguns shows. Fizemos uma meia dúzia de eventos lá, chegando a fazer um festival de música instrumental com vários grupos, coisa difícil em São Paulo. Fizemos um no final, acho que foi o último show, em função das Diretas Já, com participação de artistas, da Ana de Hollanda, do Gianfrancesco Guarnieri (acho que secretário de cultura na época), foi uma coisa bem clara e política, um monte de gente tocando. Acho que foi o último show na Benedito. Depois saí do Lira, no final da história já não estava mais...

E então veio a fase punk e heavy metal do Lira?

Fernando: Exatamente.

O que te motivou a sair do Lira, cansou?

Fernando: É. E eu me senti traído. Teve o esquema com a gravadora Continental, eles procuraram a gente, única gravadora de capital nacional e nos encantamos com isso. A Continental tinha um parque gráfico que fazia as capas, prensava os discos, era uma indústria, toda aquela estrutura, mas estavam meio falidos. Também tinha um acervo maravilhoso de originais. A Continental propôs uma parceria, no início não sabiam direito o que ia ser, nós aceitamos, criamos o selo Lira/Continental. O que rolou foi que como o Gordo sempre foi muito mais habilidoso, ele que passou a negociar com a Continental. Os artistas se empolgaram com a possibilidade de distribuição dos discos do Lira por uma grande gravadora, saiu matéria de página inteira na Folha de SP. Tinha um esquema realmente revolucionário – a maneira como o disco seria pago, nenhuma gravadora fazia assim. Funcionava de tal maneira: o disco tinha um custo – mas era uma associação entre o artista e a gravadora, quando aquele custo se pagava, o lucro, tirando os custos, era rachado entre ambas as partes. As gravadoras davam em média 5% para os artistas, Roberto Carlos ganhava 7%. Nesse esquema com a Continental ia ser meio a meio, isso mexia no mercado de discos. E outro detalhe que nós batemos o pé: a gravadora podia até vender o trabalho, mas o artista sempre podia decidir pra onde a música ia para que os caras não a vendessem pra um lugar que não tinha nada a ver. O voto de minerva era do artista, ele era dono do seu próprio trabalho, isso estava em contrato e era a grande jogada. Dessa forma, os artistas não estavam nas mãos das multinacionais, isso foi, inclusive, um pouco antes delas chegarem com força total. Ariola [gravadora] contratando todo mundo, grana pra caramba, descobrindo o Brasil como um grande mercado fonográfico. E nós achamos que esse acordo com a Continental, que estava falida, ia ser uma coisa super boa. Continuando, a pergunta que todo mundo fazia: o Lira acabou como?

O Gordo começou a abandonar o Lira, a gente segurando a barra toda, sem grana sempre. Num dia

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

descobrimos que ele estava contratado há dois meses pela Continental, ganhando um excelente salário como diretor artístico, e não tinha contado nada pra nós. Ele estava lá pra gerir os negócios do Lira. Eu me senti sacaneado, ele sabe disso, hoje em dia somos amigos, mas fiquei muito tempo sem querer papo com ele. Aí entrou uma mulher no meio. Estava de saco cheio do Lira, com essas coisas todas lá dentro. Fui pra Curitiba, ia, voltava, conheci uma jornalista lá, a Sila, pintou uma paixão, *pá, pá*. Surgiu uma proposta da Fundação Cultural de Curitiba (FCC), via Tabajara Ruas (ele estava lá assessorando o presidente da Fundação, colega de exílio dele) pra eu assumir a assessoria junto com ele. Topei, saí do Lira, parti pra Curitiba trabalhar na FCC e curtir a minha paixão. Outra história complicada, mulher rica, filha de ministro, judia. Eu tive duas mulheres judias. Tive? Eu nunca tive ninguém, tive relação com duas mulheres judias. Uma rica e uma pobre, as duas complicadas.

Você é feminista?

Fernando: Não sei.

Mas acha que as mulheres devem governar o mundo?

Fernando: Matriarcado já, já! Mandem, eu adoro que elas mandem, eu obedeço!!!

Vamos fazer uma pausa?

Fernando: Vamos. Que tal ouvirmos Zé Rodrix? O Zé é ótimo. O “Saqueando a Cidade”, do Joelho de Porco [banda que Zé Rodrix participou], álbum duplo, é do caralho!

Uma curiosidade, tinha fanzine no período de circulação do jornal do Lira?

Fernando: Não existia, o fanzine surgiu um pouco depois.

O jornal do Lira pode ter sido uma influência?

Fernando: É possível.

O Lira chegou a ter ligação com Santa Catarina?

Fernando: Sim, produzimos um disco do Grupo Engenho de Florianópolis, chamado Força Madrinheira, inclusive regravam um sucesso do Pedro Raymundo: “Adeus Mariana”. Fizemos uma ponte com a cidade, eles foram para São Paulo, ficaram em casa (era a hospedagem oficial do Lira).

CANTO, Fernanda Aide Seganfredo do; SCHOENHERR, Rafael; BOSCHILIA, Roseli Terezinha; ALVES, Tiago João José. A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre

Para finalizar, o que é a felicidade para você?

Fernando: Felicidade é a ausência da dor.

A gente continua...

Fernando: Claro!

[Fernando Alexandre faleceu e os diálogos se encerraram aqui]



Foto: Fernanda do Canto